ILUSTRAÇÃO



1 - Agosto - 1933 N.º 15 (183) — 8.º Ano Preço - 5 esc.

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R: L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	63$00	126$00
(Registada)	—	67$50	135$00
Brasil	—	66$00	132$00
(Registada)	—	75$00	150$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	84$00	168$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

Tradução de

Dr.ª Sára Benoliel

E

Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire**
e com a colaboração
do **Dr. Heitor da Fonseca**

Um formosissimo vol. ilustrado .... **6$00**

DEPOSITÁRIA

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

À venda a 3.ª edição

PÁGINAS DE SANGUE

por SOUSA COSTA

Brandões, Marçais & C.ª

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cónegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Vizeu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avô. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado ..... **10$00**

Á venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado .... **10$00**
encadernado ... **14$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs.
25$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND S. A. R. L. RUA GARRETT, 73 E 75 — LISBOA

N.º 15 (180) — 8.º ANO

Director ARTHUR BRANDÃO

1 - AGOSTO - 1933

CRÓNICA DA QUINZENA

Em todos os tempos se atribuiu grandesa ao governo do principe protetor das artes. Por este titulo não se designava apenas o que hoje anda sob tal rubrica. A mais da pintura, ou arquitetura referia matematica, geógrafia e o mais que actualmente se chama cultura.

Os Medicis ganharam por essa via um favor da historia que basta para estender um veu encobridor sobre crueldades e tiranias que chegariam para enchê-los de oprobrio. Outro tanto sucede aos papas da Renascença, de cronica escandalosa. Diz-se de uns e outros que se deve ao seu apoio e estimulo muito do trabalho de Sanzio, Buonarroti, Donatelo, Guirlandajo, de muitos a par destes. Para comprová-lo contam-se anedotas, como por exemplo a de Clemente VII que atacara e entrara em Florença, defendida por engenhos da iniciativa do que mais tarde se ficou chamando Michel'Angelo. O artista fugira, o papa quiz havê-lo a todo o preço. E quando lho trouxeram, o castigo que lhe impoz, foi exigir o acabamento das obras de arte em que estava trabalhando.

Ao devasso Francisco I de França, guerreiro infeliz, ninguem o lembraria sem tédio, ou horror, se não fosse o seu entusiasmo pelas artes, ciências e letras. É por isso que, em vez de crapuloso, lhe chamam galante.

A licção presta para mostrar o prestimo da cultura conseguida através do auxílio dado á produção do poeta, do pintor, do sabio.

A historia não adota de animo leve este conceito. A seculos de distancia é que se aprecia bem o real valor que representa para um paiz, ter acalentado e feito prosperar um Rubens, um Sansovino, um Guido Reni, um Bernini, um Racine e similares.

Imaginemos que um dos nossos reis, qualquer da vasta colecção de estúpidos que o destino nos forneceu, escolhamos mesmo o pior, o cardial-rei, e suponhamo-lo dado a êsse geito protector, em termos de criar escolas donde saísse uma série de génios das artes plásticas e literárias.

Tenhamos por certo que a memória execrável por êle deixada não apareceria a nú. Talvez se apresentasse como a de Lourenço, o Magnífico. Perdoar-lhe-íamos tudo, se vissemos palácios e museus turgidos de belezas, esparsos por muitas terras portuguesas.

O conceito de há cinco séculos, ou de há dois mil anos permanece vivo nesta hora porque será eterno.

Bem o compreende o ditador italiano que, enquanto promove a secagem dos Paúes Pontinos e abre as auto-estradas, também estimula as escavações, funda a Academia com Annúnzio, Marconi, Pirandello e protege jornais, revistas, fôlhas, ilustrações e outros instrumentos de cultura. Ao premeditar a realização de obra governativa, que a história no futuro respeitasse, achou indispensáveis as parcelas apresentadas em último lugar, porque, sem elas, a soma não atingiria a cifra nível das épocas culminantes.

Não constitui segrêdo para ninguém que o govêrno fascista acalenta numerosas publicações entre diários, semanários, mensários e se responsabilisa por edições monumentais como a Grande Enciclopédia em via de concluir-se.

Aqui estamos chegados ao confronto doloroso com o que entre nós acontece. O govêrno português ainda se não interessou por êste ponto que parece digno de considerar.

Por míngua de recursos, ou falta de tempo para meditar em caso desta natureza, não só se abstem de proteger, como deixa proseguir velhas práticas e gravames que estorvam e comprometem a existência do pouco e defeituoso que aparece.

O próprio exemplo desta "Ilustração" permite mostrar a contigência de tais empreendimentos, perante o condicionalismo económico que as leis lhe oferecem.

Quási todas as matérias primas, em especial o papel, são oneradas com direitos asfixiantes. Muito pouco do que se emprega para fabricar o exemplar folheado pelo leitor se pode produzir dentro do país.

Cada número atinge um preço elevado de custo, resultante da conta inicial com aquele artigo. Dada a minúscula expansão atingida por género desta natureza no país em que vivemos, abundante em analfabetos, parco em letrados, e êsses pobres, fácil é imaginar os transes sofridos por quem se arrisca a publicar ilustrações, revistas, semanários culturais. Os sacrifícios multiplicam-se, as deficiências acumulam-se, com bem dura mágua para os que as reconhecem inamoviveis. Ao desejo de produzir melhor responde sempre a realidade com o impedimento formal de melhorar.

Dentro das condições que o estatuto aduaneiro oferece não se consegue a obra bela, aprasivel, educativa, que se precisava e poderia realizar-se, no caso de as circunstâncias serem outras.

Os factos mostram que nem a revista ilustrada desejável, nem mesmo a presente, com os defeitos que se lhe notam, perdurará muito tempo, se os meios de resistência oferecidos pelo ambiente permanecerem imutáveis.

Os que dispõem de poder para alterar os preceitos embaraçosos já referidos, meditem sôbre a vantagem de existirem, ou não êstes instrumentos de publicidade, em que trabalham obreiros manuais e intelectuais, alguns dos ultimos sem estipendio, só pelo bom desejo de servirem a nação. Se os acharem úteis há que favorecer o seu fabrico, pelo menos com auxílio prestado à aquisição da sua principal matéria prima, êste papel "couché" que a indústria portuguesa não produz. Se julgarem preferível o desaparecimento dos actuais, sem que outros os substituam, basta não mexer no que está.

Samuel Maia

DUAS GRANDES MULHERES

Madame Roland e Carlota Corday

PODEMOS pô-las ombro a ombro: — embora a primeira, M.me Roland, mantenha indiscutível primazia nos domínios do talento criador e da actividade política.

Aproxima-as, porém, a educação clássica, o amor à liberdade, a paixão pela República, Carlota Corday como M.me Roland vendo no partido da Gironda, na falange mais intelectual das avançadas democráticas, a garantia e o equilíbrio dos seus sonhos patrióticos. Irmana-as ainda o impulso que deram ao dragão revolucionário, por pensamentos, palavras e obras, na crença de lhe travar a marcha vertiginosa. E foram elas, sem dúvida, cada uma no seu posto, as mais notáveis figuras da época do Terror, em que tanto se evidenciaram dezenas de mulheres de acção, centenas de mulheres heroicas, milhares de mulheres sublimes.

Educada na escola da *História Romana*, M.me Roland toma Plutarco por divino mestre. Apaixona-se pelos inimigos dos déspotas, representando em Bruto a personificação da liberdade. Como na época da Renascença, em que foi moda os da piedade conjugal elegerem Heitor por modêlo, Aquiles os inclinados à vingança, Edipo os sensíveis ao remorso, na época da Revolução torna-se moda adoptar por figurino um heroi clássico. M.me Roland escolhe e encarna o de Cornélia: — sendo de facto e de direito a mãi dos Gracchos.

Na verdade, os Girondinos, a ala dos namorados da Liberdade, são seus filhos adoptivos, amamentos ao seio da sua fé política, criados à sua imagem e semelhança.

Porisso, ela que lhes marcou o lugar na Assembleia Legislativa, ela que lhes afinou a voz para a proclamação da República, ela os levou pela mão à lição espartana do cadafalso.

Porque? Porque o seu coração de mulher é maior do que a sua alma de revolucionária.

Assim, M.me Roland, que tem o marido na Assembleia e no Ministério como editor responsável dos decretos embalados no seu cérebro; que pelo prestígio da beleza imaculada e pela energia da palavra sedutora orienta e dirige a mais combativa e a mais audaciosa falange intelectual da esquerda legislativa — falange que toma por divisa o ingénuo romantismo de Barbaroux e por guia a eloqüência generosa de Vergniaud — M.me Roland, acorda do seu sonho aos toques de rebate do 2 de Setembro.

E vê os Brutos do Senado brandindo a vara dos Césares. E surpreende os Sócrates a darem a beber a sicuta, não a beberem-na. E observa os Catões, não a rasgarem as suas entranhas, a rasgarem as entranhas dos contrários.

Bate as pálpebras, sacode a cabeça, acerta as ideas pelos sentimentos.

Não, não era aquilo o que ela queria. O seu sonho fôra atraiçoado pela crua realidade. Vêm a seguir a morte do rei, com os morticínios dos departamentos. E ela, que mais do que ninguém fizera o 22 de Setembro, isto é, a queda da Monarquia, faz o 31 de Maio, a queda dos Girondinos.

Grita contra os morticínios. Proclama e leva os seus a proclamar as obras de Misericórdia — e a mãi dos Gracchos sucumbe sob os destroços da sua obra de libertação. Mas sucumbe com majestade que não foi excedida por Cornelia — ao que consta dos testemunhos assinados pelos contemporâneos.

Sobe ao cadafalso vestida de branco. E apesar do vendaval das imprecações e do graniso das apostrofes, impassível e alta no seio da tempestade, só o cutelo de Sansão lhe apaga na bôca o sorriso da convicção e da indulgência.

— A República, como Saturno, devora os próprios filhos — dita M.me Roland ao morrer. E o seu ditado converte-se na lei fatídica do Terror.



Carlota Corday

É a seguir à queda dos Girondinos, filhos espirituais de M.me Roland, que vem à arena a Virgem d'Argentant, a môça e varonil Carlota Corday — cujo punhal, em lugar de travar o corsel da vertigem, o precipita em desaustinada carreira.

Filha de nobres, da família dos d'Armont, educada no afecto da Cidade Antiga, conforme os Cânones literários dos tempos, sente-se irmã de Paulina, crê-se um dos vultos insignes de Plutarco. Pelo que, republicana de alma e coração, pretende para o seu país a República da paz e da igualdade.

Os girondinos, na República proclamada e na mística do seu, credo são o penhor dessa paz, a segurança dessa igualdade.

Nisto, vê tombar os ídolos na guilhotina e no destêrro — porque prégaram a clemência, acusados de traidores, de partidários da República Federalista, de secretamente entendidos com Dumoriez, nesta conjuntura emigrado e a preparar o golpe militar da contra-revolução. Vê tombar Barbaroux, o seu amor!

E quem prega o ódio à Planície, a morte dos da Gironda? É Marat, o epilético do ódio, o possesso da morte, a quem Deus enchera o corpo de peçonha, que o obrigava a estar no banho noite e dia, depois do Diabo lhe ter atulhado a alma de raiva — raiva dia e noite, insaciàvelmente, a uivar pressagas sêdes de sangue.

Causa calafrios o retrato do jacobino debuxado nas *Memórias* de Garat. O Dr. Cabanés, no *Gabinete Secreto da História*, faz o somatório das características da sua doença, e diagonostica-a de lepra, não de eczema. Marat vive num covil, onde esconde a sua lepra e donde fulmina os seus ódios.

Carlota, da Bretanha mete a Paris. Chega a 11 de julho de 93. A 13 apunhala no coração o apostata da Igualdade, o inimigo da paz, que recebera na banheira a sua mocidade em flor. E a 19, sob a ardentia da atmosfera canicular, a trovoada colaborando no cenário da tragédia, os cabelos soltos ao vento, a cabeça intrépida afrontando a turba desvairada, os seios virgens aflando debaixo da camisola vermelha, — veste simbólica dos assassinos — a môça bretã trepa ao cadafalso na radiosa ventura que Chenier esculturou em versos imortais.

Não discuto se Carlota procedeu bem ou mal vingando a morte com a morte — porque não consigo afeiçoar o espírito aos preceitos bárbaros do direito de matar.

— Anoto apenas — e êste é o objecto desta crónica — que o seu acto de energia romana só logrou divinisar Marat e excitar o delírio da carnagem.

Marat, da alfurja da Rua dos Franciscanos, subiu ao capitólio das apoteoses. O seu busto foi alçado e festejado no pedestal dos teatros, das escolas, dos jardins, das igrejas — onde substituiu o dos santos nos altares. E o fero instinto da chachina trepou com êle os últimos degraus do desvairamento.

E aí está como estas duas e grandes mulheres, uma chamando à ordem os matadores de 2 de setembro, na convicção de que pôi termo às matanças realizadas em nome da Liberdade, outra eliminando Marat, na certeza de que arranca pela raís a árvore daninha das perseguições e sangueiras perpetradas à sombra da Fraternidade, se tornaram vítimas da sua boa-fé, empurrando o regimen da Liberdade, da Fraternidade e da Igualdade para o delírio rubro da Tirania de Robespierre.

A onda revolucionária, uma vez em marcha, nada a detem na carreira. E sufoca, e engole, e devora os próprios que lhe deram o primeiro impulso, sempre que êstes, no terror das finalidades imprevistas, procuram moderá-la ou disciplina-la.

Sousa Costa.

O banquete na Embaixada do Brasil
em homenagem ao sr. dr. Júlio Dantas

O sr. embaixador do Brasil, dr. José Bonifácio de Andrada e Silva e esposa, ofereceram, há dias, no palácio da Embaixada, um banquete ao sr. dr. Júlio Dantas, insigne homem de letras e ilustre presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Assistiram os srs. ministro da Instrução, dr. Barbosa de Magalhães, presidente da Ordem dos Advogados; almirante Magalhães Correia, ex-ministro da Marinha, e esposa; dr. José de Figueiredo, presidente da Academia de Belas Artes; a sr.ª Graça Aranha, Joaquim Leitão, dr. Cunha Gonçalves, sr.ª Figueira de Melo e filhas, dr. Bento Carqueja, sr.ª Leitão da Cunha, general Teixeira Botelho, dr. António Pereira Forjaz, conselheiro Figueira de Melo, sr.ª Andrada e Silva, dr. Leitão da Cunha, dr. Martim Francisco Lafayette de Andrada, general Aquiles Machado, etc.

À sobremesa o sr. Embaixador pronunciou um discurso de saudação ao sr. dr. Júlio Dantas, como presidente da Academia, instituição cujo prestígio acentuou. Saudou-o também como escritor, prosador e poeta, «glória das letras portuguesas, em repercussão proeminente no meio internacional.»

O nosso brilhante colaborador sr. dr. Júlio Dantas, respondeu, num elegante discurso — que nos é impossível reproduzir na íntegra — agradecendo as saudações recebidas. Depois de recordar que, há cerca de 120 anos a Academia é grata ao nome de José Bonifácio de Andrade e Silva, pois o sábio naturalista, catedrático da Universidade de Coimbra, foi secretário perpétuo da Academia de Ciências, de 1812 a 1819, num período que foi dos mais brilhantes e fecundos daquela instituição, referindo-se à valiosa acção do descendente dêsse prestigioso brasileiro que veio ocupar o alto posto diplomático da embaixada do Brasil em Lisboa. Terminou por beijar as mãos da sr.ª Embaixatriz e saudar a Academia Brasileira de Letras, nossa irmã mais nova, que com tanto brilho zela e defende, além Atlântico, o património espiritual comum. Ergueu, a sua taça pelo Brasil magnífico, pelo seu prestígio crescente, pela sua admirável e indistrutível unidade, pela permanência dos laços fraternais que unem as duas grandes nações da língua portuguesa.





EM CIMA: *Os srs. Embaixador do Brasil e dr. Júlio Dantas, posando para o nosso fotógrafo.* — AO LADO: *Um aspecto do banquete durante o discurso do sr. Embaixador do Brasil.* — EM BAIXO: *Os convivas do banquete, vendo-se ao centro o sr. ministro da Instrução*



CINZAS DO PASSADO

Rosário Pino

Não gosto que me falem do passado, para que à memória me não venham as horas más que por êle soaram.

Mas voluntariamente ponho-me às vezes a revolver as cinzas com a pá da minha mágoa, porque sósinha não pódem ver as lágrimas que me custa essa excursão pelos campos, ora destroçados e áridos, da minha vida.

E quero a êsses tempos idos, por tudo quanto me deram de bom e de mau, de alegria e de tristeza, pelas flores viçosas da glória, que por instantes me embriagaram, e até pelos espinhos em que rasguei a alma, porque há no sofrimento um prazer talvez mais intenso, do que aquêle que a felicidade nos dá.

E mesmo que em não quizesse lançar meus olhos para a vida que passou não podia deixar de o fazer, porque os acontecimentos obrigam-me a voltar a cabeça e a olhar para traz.

Sombras, por mim queridas pelo seu afecto ou pela parte acidental que tomaram nos vaivens da minha encapelada existência, passam a meu lado e chamam-me para que as siga ao templo poeirento das recordações.

Há pouco a condessa de Noailles, a poetisa excelsa cuja voz vibrou aos meus ouvidos em ondas harmoniosas de amor e entusiasmo, logo Manuel Benjamim — o músico-poeta — e agora Rosário Pino, comediante ilustre, que me tocou de perto com o seu encanto e a sua simpatia.

Quando li nos jornais a notícia da sua morte, ajoelhei diante da urna das minhas venturas e das minhas dôres e puz-me a sacar de lá as lembranças aí armazenadas sem ordem, mas atadas com a mesma fita rôxa da saüdade.

E fôram surgindo à vontade notas dolorosas — o retrato do meu último filho, emagrecido e exausto, esperando a morte que rondava perto — programas gloriosos, testemunhas de um triunfo penosamente ganho, pregoeiros da minha aventura — da grande aventura da minha portuguesissima tenacidade. Entre êsses troféus que de pezares nasceram e querem dizer vitória, salta-me, berrante e impressionador, o cartaz do Teatro Lara de Madrid, o teatro alcandorado em pergaminhos, onde se acotevelavam, na sala, as personalidades mais em destaque da aristocracia, das finanças, da política e das letras, no palco, os nomes mais cotados na arte de Talma.

Mas eu conto: Um dia, desgostosa com chicanas de bastidores, meteu-se-me na cabeça fazer de palcos estrangeiros meu domínio também.

A partida era arriscada, mas nunca fui assustadiça.

Estava apenas apreensiva, era o primeiro salto fóra da minha terrinha tão amada.

Madrid afigurou-se-me o ponto ideal para plantar a primeira bandeira da conquista.

Meti na mala o meu *maillot* completo, o único aparecido em palcos portugueses, — com grande escândalo da burguezia que hoje delira com a epiderme núa das coristas — alguns vestidos transparentes e, com meia dúzia de canções em várias línguas e uma guitarra a tiracolo, abalei, em cata do meu sonho.

*

Os jornais deram logo conta da minha chegada, e fui parar ao palco do Teatro Lara, onde eu nunca pensei pôr o pé, pelas tradições a êle ligadas, visto o meu trabalho estar incluído então no género ínfimo — que depois elevou Raquel Meller e outras às culminâncias da celebridade.

Da companhia fazia parte, como primeira dama, Rosário Pino, uma linda mulher na fôrça da mocidade e de posse dum talento já invejado.

Acompanhavam-na Luz Suarez, Rafaela Lasehras, actrizes de valor, e os insuperáveis Pedro de Arana e Mariano Larra.

Trataram-me com um afecto inexcedível e todos me ofereceram as suas fotografias.

Rosário ligou-se tanto a mim, que nunca deixou de dar-me notícias suas; e, quando da minha volta da grande guerra, escreveu-me uma carta gentilíssima, que me penhorou mais por ser dirigida a uma portuguesa do que pelo seu endereço individual.

Foi ela que teve a idea de que me anunciassem como — La bella lusitana — e esta designação galante ainda me acompanhou, pelo mundo fóra, até que me desfiz dela, ao ingressar na *tournée* de opereta francesa com artistas do Apolo de Paris dirigida pelo grande empresário Chataignié.

Rosário Pino, na sua vida particular, não tinha nada do que se costuma supor numa mulher de teatro.

Esposa amantíssima, quando no seu lar aconchegado e feliz, esquecia-se de que era actriz. O seu trato era duma simplicidade que prendia.

Foi artista por vocação. Nas palestras que muitas vezes nos entretinham, contou-me a sua vida, que naquela paixão avassaladora pelo tablado se parecia com a minha. E, quando estávamos juntas no seu camarim, gostava que lhe repetisse a minha fuga de casa, porque achava imensa graça áquela partida da trouxa atirada ao mendigo que passava por baixo da minha janela, na manhã em que saí para o colégio e nunca mais voltei.

Ela ajudava-me a enfeitar para o meu número nos intervalos das peças, e uma vez coseu bocados de rendas nas cavas dum vestido meu, para não ofender a pudicícia da plateia, escondendo o que agora se mostra ou se rapa...

Muito deve ela ter rido quando por lá apareceram os primeiros nús artísticos...

Com o meu número de cançonetas e fados, figuravam no programa *La jaula del Loro* e *La victória del general*, onde Rosário Pino e Mariano Larra actuavam com um êxito estrondoso.

Depois das resenhas circunstanciadas dos periódicos, seria um pleonasmo insistir nas ovações que acompanharam Rosário Pino dentro e fóra de Espanha.

Quiz apenas render o preito da minha recordação à memória dessa grande alma de artista que tão bem soube acarinhar-me e animar-me, quando hesitante e assustada eu procurava trepar aos outeiros alcantilados da fama.

Mercedes Blasco.



A grande actriz Rosário Pino no apogeu da sua carreira

As provas finais no Jardim-Escola João de Deus



Um aspecto da cantina [illegible] uma refei[illegible]

TERMINARAM a semana passada os trabalhos escolares no Jardim-Escola João de Deus — obra maravilhosa do grande educador sr. dr. João de Deus Ramos — com uma série de provas que oito dezenas de crianças prestaram na presença da encantadora velhinha, sr.ª D. Guilhermina Battaglia Ramos, viuva do grande poeta e pedagogo João de Deus. Todos os anos, por esta época, essa bondosa figura de senhora, examina, sem auxílio sequer de óculos, as crianças que durante o ano frequentaram o Jardim-Escola. Presta assim homenagem à obra pedagógica do marido — que se fosse vivo teria 102 anos — e infunde respeito, não só às crianças como às professoras, que com tanto carinho tratam durante o ano aquele rancho de inocentes. Preside, por assim dizer, ao júri que examina as crianças. Constitue sempre uma festa cheia de alegria o dia das provas finais.

O «exame» a que é sujeito o aluno, consta de: lêr um trecho ao acaso, fazer uma conta no quadro, ditado, cópia e um problema. Tem ainda que fazer no quadro um desenho, da sua invenção, assim como moldar um pedaço de barro. Também tem que apresentar um trabalho de colagem ou de rafia.



[illegible] Battaglia [illegible] examinando uma das crianças que [illegible]



[illegible] D. Maria Emília de Figueiredo e D. Fernanda Leone Neves

As raparigas, por seu lado, apresentam coisas de costura.

Tudo foi feito dentro da maior disciplina e ordem. Tôda a pequenada exibiu o que sabia, como soube e lhe foi possível... Foi uma festa encantadora e que dispoz bem quem a ela assistiu.

Êste ano, prestaram provas, entre outros, os seguintes meninos:

Maria Manuela Freire, Palmira do Nascimento, Maria Isabel Capitão Sacramento Monteiro, Maria de Lourdes Torrão, Henrique Morato Vermelho, António Simões, Francisco Arrobas, Mário Fernando da Luz, António Nobre, Artur e Carlos Augusto Cirilo Machado (Santo Tirso), João Abel Manta, Fernando Paulino de Jesus, Alvaro Nuno de Andrade, José Freire, António e Alvaro Costa.

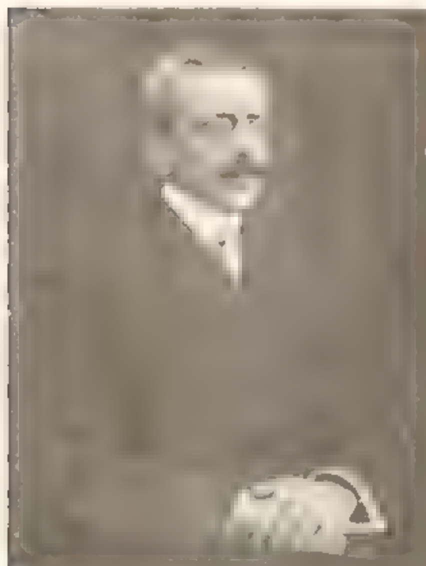
IN ILLO

COMO SE REPRESENTOU

a linda peça de Marcelino

O diplomata português dr. Lambertini Pinto, por muitos anos secretário da nossa legação junto do Quirinal, e que, à data da proclamação da República, foi investido nas elevadas funções de encarregado de negócios pela renúncia voluntária do então ministro na mesma legação, dr. Matias de Carvalho, *apaixonou-se* pela ideia de divulgar em Itália a nossa literatura dramática.

Na verdade, a ideia do dr. Lambertini Pinto, que faleceu ministro em Berlim, era e é muito louvável e oportuna, pois, como disse algures Almeida Garrett: — «a literatura de um povo reflecte o seu grau de civilização», conceito admirável do mestre de todos os escritores de teatro do último século e que o *relatório* antecedendo a criação da antiga *Escola de Arte de Representar*, decretada pelo



DR. LAMBERTINI PINTO

[illegible] português, que foi secretário d[illegible] Quirinal e que faleceu ministro de[illegible] em Berlim

govêrno provisório da República, em 22-5-1911, recordou, afirmando ainda que «nada propaga tão eficazmente o conhecimento de um idioma como a sua literatura dramática».

. . .

Ao tempo, o moderno teatro português de declamação era apenas conhecido em Itália pela representação, com êxito assinalado, da *Ceia dos Cardeais*, do ilustre académico sr. dr. Júlio Dantas, representação pela qual já se interessara o dr. Lambertini Pinto.

Contou-me êle que auxiliára, no trabalho da respectiva tradução, o brilhante poeta Diego Angeli, empenhado em que as belezas e a finissima intenção do original se não perdessem — e mais me contou que se arreliara imensamente quando, em certa cidade italiana, se lhe deparou um cartaz moral anunciando a *Ceia dos Cardeais* e chamando ao sr. dr. Júlio Dantas... espanhol! O seu patriotismo revoltou-se, protestando perante as autoridades competentes que providenciaram.

Em julho de 1911, encontrando-me já em Roma, o dr. Lambertini Pinto informou-me de que, emfim, as suas demoradas e atribuladas negociações para subir à cena uma «grande peça» do nosso teatro contemporâneo, estavam fechadas!

Escolhera *O Envelhecer* de Marcelino de Mesquita, obra consagrada, de fôlego e que, por não ter carácter regionalista, facilmente se adaptaria e triunfaria nos palcos italianos muito nacionalistas...

O dr. Lambertini Pinto cumpria assim — disse-me — não só o seu dever de português devotado, mas também acrescentou-o de funcionário exemplar, citando-me o *relatório* da reforma do ministério dos negócios estrangeiros, decretada pelo sr. dr. Bernardino Machado, em 26 de maio de 1911, em que se consideravam atribuições indeclináveis dos diplomatas: — fazer conhecer o nosso país. Ora, Almeida Garrett já notára: «a literatura de um povo reflecte o seu grau de civilização», etc.

. . .

A tarefa de descobrir um tradutor à altura de *O Envelhecer* tornou-se árdua.

Após várias *demarches*, que reputo inútil aqui referir, conseguiu-se que uma senhora vertesse para italiano despretencioso a peça, incumbindo-se do trabalho de a revêr e concluir o sr. Gaetano Campanille Mancini, categorisado redactor de *La Tribuna*, de Roma, escritor do *métier* e com influência nos meios teatrais para obter de qualquer *primária compagnia* a aceitação de *O Envelhecer*, assegurando-lhe interpretação correcta, senão brilhante.

Após diversas tentativas junto das melhores companhias italianas (sempre desconfiadas do apregoado mérito da nossa literatura dramática, mérito ignorado quási em absoluto) e de ser adiada *sine die* a representação de *L'Invecchiare* pelo editor teatral Cesar Castaldi, de Milão, o próprio dr. Campanille Mancini, desanimado, deixou cair no esquecimento a desvanecedora ideia, que o seduzira, de sujeitar á apreciação do grande público italiano uma das jóias incontestáveis da

Comunale Teatro ARGENTINA
DRAMMATICA COMPAGNIA DI ROMA
CAV. ERNESTO FERRERO
Sabato 22 Dicembre - ore 21
INVECCHIARE
NUOVISSIMO
10 15 8
5 4
Poltrone L. 3 Poltroncine L. 1 Gall. IV ord. 0,75
Ingresso L. 1,20 Loggiato c. 60
2 -- Rappresentazioni -- 2
DIVORZIAMO!
FIAMMATA

Prospecto, distribuido pelas ruas de Roma, anunciando a primeira representação da peça «O Envelhecer» no «Comunale Teatro Argentina»

TEMPORE...

–

NA CAPITAL ITALIANA

"O envelhecer" de Mesquita

da moderna literatura dramática nacional.

De resto, ainda era preciso vencer certa hostilidade encoberta, quási sistemática, da *Società degli Auttori*, contra as peças estrangeiras.

Auzentando-se da legação de Roma para a de Paris, para onde foi transferido, o dr. Lambertini Pinto pediu-me para não abandonar as *demarches* por êle iniciadas em Itália para a representação de *L'Invecchiare*.

O dr. Campanille procurava então entabolar negociações com a insígne artista, bem nossa conhecida, Itália Vitaliani, que acabára por lhe prometer levar à cena *O Alcool*, de Bento Mantua, tradução cuidada do dr. Giuseppe Marchi, médico distinto, e ainda de *O desconhecido*, de Afonso Gaio. Itália Vitaliani mostrava-se entusiasmada com o ensejo de assim corresponder, modestamente, acrescentava, ao enternecido carinho com que o público português a recebera quando da *tournée* que, acompanhada de seu marido, realizara no nosso país. Mas o acariciado projecto de Itália Vitaliani malogrou-se, porque a sua companhia desorganizou-se.



A actriz [illegible]nna Chiantoni que interpretou o papel de «Luiza» na peça «O envelhecer»

. . .

Finalmente, na saudosa noite de 22 de dezembro de 1917, *L'Invecchiare* de Marcelino de Mesquita afrontou corajosamente a luz da ribalta no *Comunale Teatro Argentina*, de Roma, incumbindo-se da interpretação a *Dramática Compagnia di Roma, (La Stabile)*, da qual era *capo cómico e cavalière* Ernesto Ferrero, que distribuiu os principais papéis aos distintos artistas Sabbatini, que tomou o papel de Ernesto, e Gianinna Chiantoni, que tomou o de Luiza. O desempenho agradou sem reservas.

Mas a peça?

Como se lê no prospecto que reproduzimos *O Envelhecer* figura como peça em três actos, quando, no original, tem quatro!

Como é que isto aconteceu? Na verdade, em Roma, a peça de Marcelino de Mesquita subiu à cêna com... três actos.

A explicação, bastante curiosa, é a seguinte:

O dr. Lambertini Pinto lembrára-se, com grande infelicidade, de expurgar a peça de tôdas as alusões directas ou indirectas, que penson escandelisariam o o público italiano, convencido de que, assim, concorria para o ambicionado êxito de *L'Invecchiare!*

Mal orientado, sem prévia auctorisação o autor, forneceu o original aos traductores com as alterações que entendeu por conveniente introduzir-lhe.

Resultado: *L'Invecchiare* não agradou! Caíu!

Os críticos da imprensa periódica romana, ao discutirem a sensacional *premiere*, acusaram o manifesto desequilibrio das cênas, salientaram que à peça faltava *qualquer coisa* indispensável para a sua harmonia e sempre essencial a uma obra de teatro e até notaram que o diálogo era... *descosido!*

Il Messaggero, Il Corrière d'Italia, La Tribuna, L'Osservatore Romano, Il Tempo, Il Giornale d'Italia, Il Fronte Interno, etc., apesar do seu desejo de elogiar a peça, não resistiram a tentação de apontar-lhe deficiências que *L'Invecchiare* não possue no original; de declarar que não



Marcelino de Mesquita

perceberam determinadas *situações* e de observar que algumas passagens do dialogo... não vinham a propósito!

. . .

Á *première* de *O Envelhecer* compareceu o ministro de Portugal em Roma, que era então o falecido dr. Eusebio Leão, acompanhado de todo o pessoal da legação, os raros portugueses residentes em Roma, grande número de diplomatas, aristocratas, senadores, deputados, escriptores — um público de *élite*

Ao director da *Drammatica Compagnia di Roma*, o *cavalière* Ernesto Ferrero, foi oferecido um brinde que êle agradeceu com uma interessantissima carta que em *fac-simile* não nos é possível reproduzir e aos restantes intérpretes lindos ramos com dedicatória.

Descoberta por mim a razão do fracasso de *L'Invecchiare*, os seus intérpretes tencionavam, com o meu concurso, repôr, em qualquer oportunidade, a peça tão imprevidentemente mutilada, mas a *Compagnia Stabile* desorganisou-se e tal oportunidade não se deu

Marcelino de Mesquita nunca soube o que se passára, porque senão... os córtes haviam de causar amargos de boca ao falecido dr. Lambertini Pinto.

Emidio Garcia.

Um pavoroso incêndio num armazem de filmes

mata duas pessoas e deixa feridas cêrca de vinte

Constituiu um caso citadino o trágico incendio da Mãe d'Agua. Provocado pela explosão dum maçarico, ou por um pingo de chumbo derretido, causou duas mortes e feriu gravemente duas dezenas de pessoas. Destruiu completamente um prédio e fez grandes prejuizos em algumas propriedades visinhas. Durante muitos dias foram ao local do sinistro alguns milhares de pessoas, que observaram as ruínas do armazem de filmes e dos prédios que o fogo devorou.

Após catorze horas de sofrimento morreu o infeliz chefe de publicidade da casa Castelo Lopes, sr. Alvaro Nunes Silva Sanches e no incendio, devorada pelas chamas, desapareceu o corpo da empregada Maria Amélia Cardoso, que deixou na orfandade um filhinho de quatro anos. Houve verdadeira romaria ao local do sinistro. De todos os bairros de Lisboa, ainda dos mais afastados, ali foram centenas de pessoas que estiveram a verificar os estragos do fogo. Foi necessário, no domingo, estabelecer um serviço de policiamento. Pelas ruínas, realmente, pódem avaliar-se das proporções do incendio. Devido a ter-se encontrado, até hoje, unicamente uma mão da pobre empregada Maria Amélia nem a última homenagem lhe pode ser prestada Segundo dizia um jornal, a família da empregada Maria Amélia Cardoso vai ter dificuldade em receber a pensão que lhe cabe, ao abrigo da lei de acidentes de trabalho. Para que o respectivo tribunal possa resolver nêsse sentido, necessita que lhe seja entregue a certidão do obito da vítima. Quem vai passar um documento dessa natureza, se o cadaver não aparece? E' necessário organizar um processo especial, para que o falecimento da pobre rapariga fique averbado na respectiva repartição do Registo Civil



Um aspecto do incêndio



O ataque pelo lado da rua da Alegria

O pavoroso incendio foi o assunto de tôdas as conversas durante a semana passada. Segundo os bombeiros o incendío foi alimentado pela ventania, que fez redobrar de intensidade o fogo de momento a momento, lambendo paredes, penetrando pelas janelas e ameaçando destruir, em pouco tempo, um quarteirão. A acção dos bombeiros foi, como sempre, deligente e esforçada. No local estiveram todos os auto-tanques da corporação e quási tôdas as escadas magyrus dos quarteis de Lisboa, trabalharam centenas de mangueiras que estavam ligadas aos lagos da praça do Rio de Janeiro, do Jardim Botânico e da praça da Alegria. O trabalho dos bombeiros foi heroico. Por vezes, deram um raro exemplo da sua competência e da sua valentia, lançando-se denodadamente ao fogo e se mais não fizeram foi porque mais não puderam. O armazem, que ardeu por completo, havia sido *atelier* do escultor Moreira Rato e mais tarde do pintor Alves Cardoso.

A MARINHA ITALIANA EM LISBOA











As últimas proezas da aviação

A aviação internacional tem atravessado nos últimos tempos um período de extraordinária actividade. Numerosos *raids* de importância foram tentados e alguns houve que viram coroados o esfôrço dispendido com a conquista de novos *records* mundiais.

Sob o ponto de vista aeronáutico e como manifestação evidente dos progressos realizados pela técnica da navegação aérea, o mais notável dêsses *raids* é, sem dúvida, o do William Post, que tripulando sòzinho o seu avião «Winnie Mae» conseguiu bater o *record* mundial da volta ao Mundo pelos ares.

Esta ideia da circumnavegação aérea do Globo tem tentado diversos aviadores. Durante algum tempo o *record* da velocidade nêsse enorme vôo pertenceu ao «Graf Zeppelin», o gigantesco dirigível do Dr. Eckner.

Ùltimamente eram detentores do *record* os aviadores William Post e Harold Gatty que partindo da América do Norte a bordo dum avião «Lockhead-Vega», em meados de 1931, conseguiram cobrir o percurso em 208 horas.

Mattern, corajoso aviador norte-americano, tentou recentemente conquistar êsse *record* realizando sòzinho o *raid*. Perseguiu-o, porém, uma má estrêla. Depois duma tormentosa travessia do Atlântico atingiu as costas da Noruega aterrando na pequena ilha de Jomfruland. Daí voou até Oslo e desta cidade a Moscovo. Até êsse ponto e dando provas duma energia sôbre-humana, conseguiu Mattern manter um animador resultado que permitia prever o seu êxito. Foi menos feliz na travessia da Sibéria. Uma fuga de gás obrigou-o a aterrar no percurso, quási intoxicado. Êste acidente abalou as suas energias físicas mas não a sua férrea vontade. Amigos dedicados aconselharam-lhe que não continuasse o vôo sem ter submetido o seu motor a uma rigorosa vistoria. Isso equivalia a desistir de conquistar o ambicionado *record*. Mattern não os atendeu. Lançou-se temeràriamente, sôbre as planícies geladas e desertas do Alaska e não mais houve notícias dêle.

Com justas razões o consideraram perdido. Algumas expedições se começaram organizando com a morosidade inevitável tratando-se de paragens tão distantes. Até que um dia o telegrafo trouxe a notícia milagrosa: Mattern estava salvo, após uma odisseia que durou vinte dias, durante os quais errou faminto pelas inhóspitas planuras que rodeiam o estreito de Behring.

Willy Post, ao preparar-se para bater sòzinho o *record* que já lhe pertencia na companhia de Gatty, deve ter aproveitado os frutos desta cruel experiência. De facto, a circunstância de voar só acresce extraordinàriamente as dificuldades do *raid*. As paragens no percurso estão reduzidas a um mínimo proporcionando ao aviador um descanso insuficiente. Post resolveu o problema equipando o seu aparelho com um dispositivo de pilotagem automático, milagre de mecânica moderna que lhe permitiu repousar emquanto o avião se deslocava a uma velocidade de 250 quilómetros por hora, numa direcção prefixada.

A essa circunstância se deve, sobretudo, o seu êxito que é admirável. Post iniciou o seu *raid* com um surpreendente vôo de Nova York a Berlim. Essa imensa distância de 6000 quilómetros percorrendo-a o seu avião em 25 horas, uma velocidade média de 240 quilómetros por hora. No mesmo dia levantou vôo com destino a Moscovo, mas o mau tempo forçou-o a aterrar em Konisberg. Só no dia seguinte atingiu Moscovo donde partiu para Novosibirsk e desta localidade para Irkutsk. Ao tentar a etapa Irkutsk-Khabarovsk, de novo o mau tempo o obrigou a uma aterragem não prevista no itinerário. Finalmente atingiu Khabarovsk donde levantou vôo para o Alaska. Ao aterrar em Flat, o avião capotou sofrendo ligeiras avarias. Chegou-se a crer que o *raid* estava irremediàvelmente interrompido. Post conseguiu, porém, reparar as avarias e continuar o vôo com escalas em Fairbanks e Edmonton. Desta localidade partiu, por fim, para a última etapa, vindo aterrar em Nova York donde partira pouco mais de sete dias antes.

Dêste modo conseguiu Post apoderar-se dum duplo *record*. Primeiro, por ter realizado sòsinho a extensa viagem. Segundo por ter batido por uma diferença de 22 horas o *record* anterior que era de 208 horas e que êle modificou para 186.

Outro empreendimento sensacional foi o da esquadrilha aérea italiana que sob comando do general Balbo iniciou e está realizando um cruzeiro com têrmino em Chicago.

Partindo de Ortebello a esquadrilha, que se compunha de 25 aparelhos, voou até Amsterdão. Foi essa uma das étapas mais difíceis do cruzeiro e a que não se ligou quere-nos parecer a importância que merecia. De facto logo que à saída de Ortebello os aviões de Balbo tiveram que elevar-se a cêrca de 4000 metros de altitude, a-fim-de transpor os Alpes e isto quando os depósitos de gasolina ainda se encontravam cheios. Deve também considerar-se que se tratava de hidro-aviões a que faltava nesta travessia o ponto de apoio que o mar, os lagos ou os rios representam em caso de avaria do motor.

A chegada a Amsterdão foi, como se sabe, assinalada por um trágico incidente. Um dos aviões da esquadrilha capotou, ficando esta portanto reduzida a 24 aparelhos.

Daí por diante o vôo prosseguiu com maravilhosa regularidade. Sucessivamente os aparelhos tocaram em Londonderry, Reykjavik, Islândia, Cartwright (Labrador) Shediac, Montreal e Chicago. A travessia do Atlântico, de Reykjavik a Cartwright, em especial foi atentamente seguida em todo o Mundo e constitue um enorme êxito da aviação norte-americana.

Após a chegada a Chicago, a esquadrilha iniciou a viagem de regresso tendo alcançado já a



Em cima: O itinerário da ida e do provável regresso da esquadrilha aérea italiana. Em baixo: O general Balbo à sua chegada a Nova York



Willy Post no momento da sua aterragem no aeródromo de Berlim

falta de gasolina obrigou-os, porém, a aterrar em Camaguey, na ilha de Cuba, a pequena distancia de Havana, depois de realizarem uma das mais assombrosas travessias do Atlântico. No momento de descerem em Camaguey verificou-se que os tanques do avião não continham mais de 10 litros de gasolina.

Barberan e Collar realizaram em seguida, o



Post junto do avião em que realizou a volta ao Mundo



Grupo dos aviadores que compõem a esquadrilha comandada por Balbo

Terra Nova, no momento de escrevermos êste artigo, sem que esteja ainda fixado o itinerário do regresso que poderá ser feito pela Irlanda ou por Lisboa, com escala nos Açôres, conforme as condições meteorologicas o aconselharem.

O vôo da esquadrilha italiana é, sem dúvida, a mais ambiciosa tentativa dos últimos tempos em matéria de aviação. Com ela pretende a Itália fazer a sua propaganda e demonstrar a perfeita mobilidade duma verdadeira frota aérea de combate.

Uma outra tentativa audaciosa temos ainda a registar: a dos esposos Mollison que se propuseram realizar um vôo sem escala de Glasgow a Nova York. O seu aparelho, baptizado com o nome de «Seafarer», teve porém de lutar com desvantajosas condições atmosfericas que lhe retardaram a marcha. O vôo prolongou-se assim, pelo espaço de 29 horas. Já sôbre terra americana e como lhe faltasse gasolina, Mollison foi forçado a aterrar no aeródromo de Bridgeport situada a pequena distância de Nova York. Exausto pelo tremendo esfôrço que dispendera durante a viagem, Mollison preparou mal a descida, do que resultou ir o avião cair sôbre um terreno lodoso que confina com o campo de aterragem. James Mollison recebeu, em consequência do desastre diversos ferimentos, e sua mulher, Mollison, golpes sem gravidade na mão esquerda. Recolhidos ao hospital, prosseguiram viagem no dia imediato, desta vez num avião de passageiros, que os conduziu a Nova York onde foram justamente aclamados.

Apesar do incidente que pôs termo ao *raid* a extraordinária proeza dos dois aviadores não foi de qualquer modo prejudicada. James Mollison é, de facto o primeiro homem que consegue realizar duas vezes a difícil travessia do Atlantico na direcção leste-oeste. E Amy Mollison a primeira mulher a participar de tão temerária emprêsa.

Para terminar, queremos deixar expresso o nosso preito de admiração pelos audaciosos aviadores que nêste periodo de excepcional actividade da aviação mundial pagaram com a vida o seu arrojo.

Dois deles são os espanhois Barberan e Collar. Tripulando o avião «Cuatro Vientos», totalmente construido em Espanha e que honra a indústria do pais vizinho, êstes aviadores levantaram vôo de Madrid com destino a Cuba e ao México. A primeira etapa, duma espantosa extensão tinha por objectivo Havana. A

curto vôo até Havana e daí partiram com destino ao Mexico. Ao sobrevoarem a Guatemala deixou de haver noticias dêles. Todos os esforços foram tentados para os salvar. Supôs-se que



tivessem caido nas selvas impenetráveis da região ainda deficientemente exploradas, e durante largo tempo dezenas de aviadores e milhares de soldados procuraram encontrar-lhes o rasto. Mais duma vez a notícia de ter sido achado o seu paradeiro correu Mundo, logo seguida dum cruel desmentido. Até que certo dia o mar arrojou à costa uma roda do avião, testemunho inerte da ignorada tragédia em que os bravos aviadores perderam a vida.

Mas há ainda quem mantenha uma última e desesperada esperança. E por isso uma missão tentou ainda há pouco explorar as brenhas impenetraveis que rodeiam o vulcão de San Martin, onde alguem afirmava ter avistado a grande distancia os restos dum avião. A selva porém resistiu aos esforços dos seus devassadores, guardando ciosa, o seu segrêdo.

Emocionante é também o dramático acidente que rematou o vôo dos aviadores lituanos Stephan Darius e Stanley Girenas.

Inesperadamente, partiam ambos de Nova York a bordo do «Lituanica» com destino a Kovno, capital da sua pátria. No dia seguinte o avião era encontrado feito em destroços numa floresta alemã, perto de Stattin. Talvez porque lhes faltasse gasolina para prosseguir o vôo, os dois aviadores que já haviam cruzado o Atlântico pretenderam fazer uma aterragem. É possível que à luz difusa do crepúsculo o copado das árvores se lhes afigurasse campo propício. O certo é que o aparelho foi embater com as árvores ficando destruido e sofrendo os infelizes aviadores morte imediata.

Noticiaram há dias os jornais um pequeno facto que veio recordar o vôo trágico dos heroicos aviadores lituanos. Para evitar todo o pêso inutil, o «Lituanica» não possuia a bordo aparelho de T. S. F. Afim de dar noticias suas os dois aviadores lançaram para terra, a passagem sôbre a Terra Nova, um saco contendo uma pequena mensagem que dizia apenas da sua esperança de triunfar da prova. Só agora, porém, a mensagem foi encontrada como um último brado dos infelizes aviadores.

Apesar de tantos acidentes trágicos, o Homem não desiste contudo de dominar o Espaço e vencer o Tempo. A aviação progride de modo fulminante. Os grandes empreendimentos sucedem-se, sempre mais audazes uns do que outros. E breve chegará o tempo em que o Mundo será estreito para a temeridade humana.

Luiz Rodrigues.



Os aviadores lituanos que intentaram a travessia Nova York-Kovno e caíram numa floresta alemã. Em baixo. Os destroços do aparelho



— Porque não deixas o chapéu de chuva no bengaleiro?
— É cá por causa duma coisa.
— Tens medo que o roubem?
— Não, tenho medo que o reconheçam.

●

— Quanto custa a pensão nêste hotel?
— Quarenta mil réis.
— E não fazem nenhuma concessão aos artistas?
— Sim senhor, recebemos adiantado.

●

— Emprestas-me vinte escudos?
— Nem cinco rêis. Tu, para mim morreste.
— Então, dá-me alguma coisa para a ajuda do enterro.

●

— Então, você não viu que a carteira não era sua?
— Vi, sim senhor. Mas as notas que tinha dentro são iguais a muitas que eu já tenho tido...

●

O medico — Peço-lhe o favor de me pagar, hoje mesmo, a minha conta.
O doente — Mas o doutor que sempre tem recebido no fim do ano porque é que tem agora tanta urgência do dinheiro?
O medico — Porque não gosto discutir com os herdeiros.

●

D. Sebastião foi assistir a umas corridas pedestres e vendo que os aguasis estavam formados, perguntou:
— Porque é que os aguasis não entram na corrida?
— É que os aguasis só correm atrás dos ladrões.
— Então, que corram uns atrás dos outros.

■

O criado vem correndo com um frango num prato. Nisto o frango cai ao chão.
— Ai, que lá fiquei sem o frango, diz o amo.
— Não tenha medo patrão, que êle não foge. Já lhe puz o pé em cima

— Deve dizer-se dê me *de* beber, ou dê-me *que* beber?
— Como és muito burro deves dizer: Leve-me a beber.

●

O musico — Que lhe pareceu a minha "abertura"?
O critico — Muito inspirada...
O musico (atalhando) — Obrigado
O critico — Muito inspirada nas obras dos outros.

●

— Póde dar-me um exemplo de triple acção reflexa?
— Sim senhor. Uma pessoa acordar, parar o despertador e voltar a adormecer.

●

— Dizem que houve, um dia, um homem que trocou a mulher por um cavalo. Tu, meu maridinho, serias capaz de fazer uma coisa dessas?
— Não. Por ti, minha filha, o mais que me podiam dár era uma bicicleta.

●

Há pessoas a quem sai tudo errado. O meu merceeiro pôs um anuncio dizendo.
«Precisa-se um rapaz».
No dia seguinte a mulher teve uma menina.

●

Na policia:
— E porque deu o seu nome errado?
— Porque ando a roubar incógnito.

●

— Ó mamã, o gato comeu a alpista do canário
— Não diga tolices! Os gatos não comem alpista!
— Mas é que a alpista estava dentro do canário!...

●

O professor — Porque se diz que o latim é a lingua da mãi?
O aluno — Porque o pai, mesmo que queira falar, a mãi não deixa.

— Eu desejava que a Companhia me aumentasse o ordenado, visto eu ter casado.
— A Companhia não é responsável pelos acidentes que ocorrem fóra das oficinas.

●

— O cavalheiro é que é o dentista que tira dentes sem dôr?
— Sim, senhor, ao princípio custava-me muito, agora já me vou acostumando.

●

Na drogaria:
— Dê-me mais meio kilo de bolas de naftalina, porque as que me vendeu ontem não deram resultado.
— Pois eu com elas, tenho morto toda a traça, em minha casa.
— É que o meu amigo tem melhor pontaria do que eu!

●

— Porque é que seu irmão penúltimo tem os dedos todos torcidos?
— Porque é surdo mudo e fala sete línguas por gestos...

●

— Vi ontem dois judeus que íam perdidos de bebados.
— Como sabes tu que eram judeus e que íam embriagados?
— Porque um atirava com moedas de dez escudos para o chão e o outro apanhava-as e restituí-as.

●

No tribunal:
O juiz — E esperou a noite para matar sua mulher...
O reu — O senhor juiz não tem ouvido dizer que a noite é boa conselheira?...

●

— Porque estás tu a chorar pequeno?
— É que não tenho pai nem mãi e se fôr para casa com menos de dois mil réis êles desancam-me.

O pescador — **Lino Ferreira.**

O banquete de homenagem a Alexandre Ferreira

[illegible]

A EMISSORA NACIONAL

ficará incluída ainda no decurso do ano corrente



De tôdas as maravilhas da ciência moderna, a que melhor define a nossa época — talvez mesmo a que maior influência nela tem exercido — é, sem dúvida, a T. S. F. O que essa prodigiosa invenção representa de possibilidades extraordinárias tem sido escrito vezes sem conta. Por ela os sons viajam pelo espaço, as vozes e a música galgam oceanos e transpõem continentes e uma misteriosa ligação vai prendendo uns aos outros povos afastados, raças que se desconhecem. O explorador isolado nas solidões do polo, o aviador perdido nas regiões desertas têm na T. S. F. o elo invisível que os liga ao resto da humanidade. E a lista interminável dos que devem a vida a um radiograma lançado em momento de perigo e angústia, todos os dias há novos nomes, novos milagres, a acrescentar.

Nesta admirável invenção de múltiplos aspectos, um há que sobreleva pela sua importância — o valor social da T. S. F.

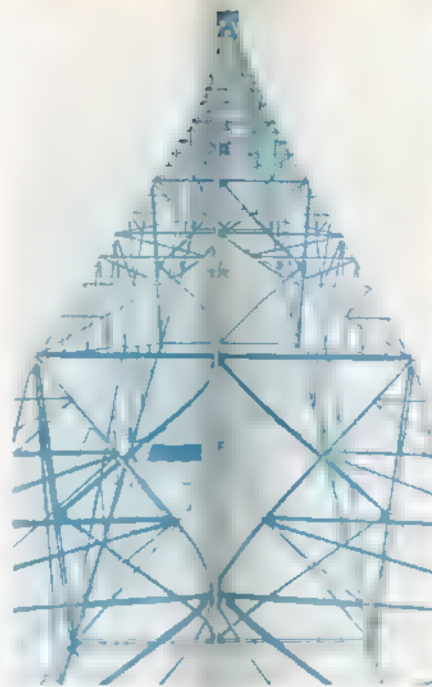
Uma emissora radiotelefónica não é apenas um invento engenhoso nem uma nova forma de diversão que distribua música aos domicílios. É alguma coisa mais do que isso porque é a voz dum povo, voz que se ergue por sôbre as fronteiras, que se espalha pelo Mundo, que vai lembrar aos outros povos um país que existe, um núcleo da colectividade que vive e luta.

Assim o compreenderam tôdas as nações que têm acarinhado a T. S. F. facultando-lhe os meios de cumprir a sua importante missão.

Entre nós, o Estado não se interessava até há algum tempo, pela importante questão da radiotelefonia. Tudo o que existia era obra de alguns amadores que à custa de pesados sacrifícios preparavam o terreno a realizações mais vastas e que iam fazendo correr Mundo uma voz que, embora débil, sempre definia a nossa posição no mapa da Europa.

E contudo, as vantagens — ou melhor as necessidades — duma emissão nacional foram sempre evidentes. A nossa situação de país colonial com domínios espalhados pelos quatro cantos do globo, a disseminação da raça lusitana, levada a todos os continentes pelo seu espírito de aventura impunham-nos o dever de ligar por êsse fio imponderável que é a T. S. F. todos os territórios e todos os espíritos que nos pertencem.

Tão evidente era esta necessidade que um dia o Estado dela se apercebeu para lhe dar remédio. É assim que a Emissora Nacional, a quem compete o importante encargo de afirmar no éter a nossa consciência, está a caminho de se tornar uma bela realidade.



Quem hoje chegar ao Alto de Valejas ou do ... lão ali perto de Barcarena, logo depara com duas altas tôrres de ferro que dominam o descampado em redor. São elas que suportarão as antenas da futura Emissora instalada num edifício de dois andares que ali perto se acaba de construir e que a altura descomunal ... parecer minúsculo.

Medem cêrca de 108 metros de altura as duas tôrres e separa as ... cêrca de 200 metros. Entre uma e outra está sendo e... lhado o cabo subterrâneo que estabelecerá a ... ção à terra. Dêste cabo central partem outr... vergentes, representando um total de nove... sete quilómetros de fio que asseguram o ... sário contacto com o solo.

As tôrres enormes repousam as suas q... toneladas de metal sôbre gigantescos isola... de porcelana. A sua construção representa o ... fôrço de dezasseis operários portugueses de ... quatro meses — e constitui, portanto, um resul... técnico notável. Com admirável poder de ... ção, os nossos operários depressa se inici... difícil construção dêsses monumentais ... metálicos que se erguem para o céu com ... noso ímpeto.

O projecto das instalações da Emissora, ... perto se constroi, é da autoria do arquitecto ... namentos e Edifícios Nacionais a sua construção. Compreende dois pavimentos. No primeiro ficarão instalados os maquinismos, geradores de corrente, etc. No segundo, os aparelhos emissores — um de ondas médias e outro de ondas curtas.

A emissora de ondas médias terá uma potência de antena de vinte quilovátios e funciona com ondas de 453,2 metros de comprimento. Destina-se as emissões para Portugal e resto da Europa. Poderá ser ouvido em Inglaterra, França, Europa Central, e até mesmo, dada a nossa excepcional posição geográfica, na América do Norte. A diferença horária entre o nosso ... e os Estados Unidos prejudicará, contudo, a ... o nesse país.

Quanto à emissora de ondas curtas, terá por ... estabelecer ligação entre a metrópole e as ... ncias ultramarinas e, bem assim as colónias ... portugueses espalhados pelo Mundo. Terá uma ... ncia de antena de 12 quilovátios, o que lhe ... te lugar proeminente entre as emissoras de ... curtas de todo o Mundo. Um sistema de ... tenas dirigidas tornará possível or... no sentido que fôr desejado, dando-lhe um ... de acção que se estende aos pontos mais dis... s do Globo.

... construção destas emissoras ... de firma inglesa "Standard Telephone ... Cables, Ltd." que na realização de algumas ... principais estações do Mundo se tem distin... Quanto ao estúdio ficará, como é natural, situado em Lisboa em dois pavilhões anexos ao Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. Vai começar em breve a adaptação dêsses pavilhões ao fim a que agora se destinam. Um cabo medindo cêrca de quinze quilómetros ligará êste estúdio à estação emissora. Êsse cabo, que será em parte subterrâneo, acompanhará na maior parte do seu percurso o aqueduto das Águas Livres.

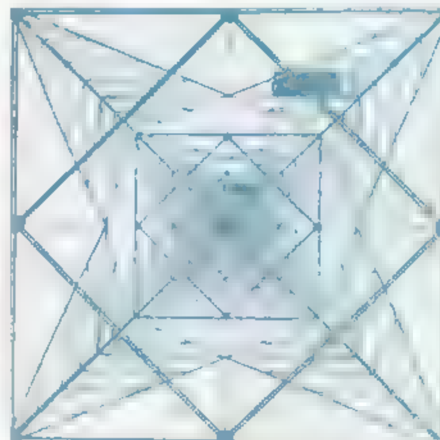
Diversos motivos, sempre impossíveis de evitar nêstes casos, fizeram dilatar a data da inauguração da futura Emissora Nacional, que fôra primitivamente fixada para 5 de Outubro do ano corrente. Espera-se, contudo, caso não sobrevenham contratempos, que a estação esteja pronta a funcionar no fim do ano.

Por intermédio da Emissora Nacional vai ficar o nosso país habilitado a juntar a sua voz no concerto universal. Assegurado assim, de modo tão consolador, o nosso lugar no éter resta aproveitá-lo no sentido mais proveitoso no fim que se teve em vista. A escolha de programas e a orientação artística da nova estação assume desta maneira uma importância capital. É indispensável que as emissões tenham acentuado cunho português, sem deixarem, por isso, de serem artisticamente elevadas.

Para a realização desta parte do plano de criação duma radiodifusão nacional impõe-se, portanto, um gôsto seguro e uma justa compreensão do problema. Estamos certos de que não deixará de se encontrar a sua resolução satisfatória.

Para terminar queremos deixar aqui registados os nomes dos que a tão importante obra têm dedicado um notável esfôrço. Em primeiro lugar o engenheiro David Pires, director dos Serviços Radioeléctricos dos Correios e Telégrafos, que muito contribuiu para que a idea da Emissora Nacional se transformasse numa realidade. E a seguir como seu colaborador dedicado, o engenheiro Manuel de Bivar, que ao serviço da iniciativa tem pôsto todo o seu entusiasmo.

Antes do fim do ano, como dissemos, a nova Emissora Nacional estará pronta a funcionar. Portugal poderá então, lançar no espaço a sua voz, comunicar com os irmãos de raça dispersos pelo Mundo. E a sua voz será ouvida porque graças aos técnicos portugueses e à boa vontade do Estado, a Emissora Nacional ficará sendo a mais potente da Península e com direito a figurar entre as melhores da Europa.





A equipa portuguesa que participou da Volta a Pontevedra

A QUINZENA

Os ciclistas na "I Volta"

A participação dos ciclistas portugueses na Volta à Província de Pontevedra, revestindo a importância de um verdadeiro batismo internacional, merece ser considerada importante manifestação de actividade desportiva nacional no decurso da quinzena que findou. O facto tem sido apreciado das maneiras mais diferentes, sujeito na maioria das vezes ao impulso da paixão ou da maldicência que abafa o sentido analítico da justiça e da razão.

Quási a totalidade do público desportivo sentiu funda desilusão com o fracasso de classificações dos nossos ciclistas. Ajuizava-se erradamente o valor dos espanhóis, menosprezando-o, e também erradamente se ajuizava o valor dos portugueses exagerando-o à base de argumentos que falavam na mudança de situação comparativa.

É possível que numa prova de cem quilómetros, corrida contra relógio e partidos isolados, os tempos finais dos portugueses se aproximassem dos espanhóis porque em esfôrço puro atlético podem tender para o equilíbrio, mas sempre que a competição seja em linha, intervindo no resultado o factor táctico e de conhecimentos de corrida, a desnivelação acentua-se em nosso prejuízo. Os portugueses, desconhecedores de ardis e subtilezas, dispendem generosamente a sua energia de princípio a fim, enquanto os adversários, raposas velhas e sabidas, poupam a sua desbaratando a dêles.

Acrescentemos que em todas as considerações partimos do princípio de uma egualdade de apetrechamento que, agora na Galiza, se não verificou. As máquinas usadas pelos ciclistas lusitanos representavam pelo pêso e antiquada montagem um pesado handicap bastante para os relegar dos primeiros postos da classificação. A falta do aparelho para mudança de multiplicação em marcha foi o factor decisivo do desbarato da equipa portuguesa.

Podem aqueles que habitualmente usam da tesoura afiada sôbre o trabalho alheio proclamar o que lhes apeteça, fazendo alarde do seu desconhecimento de causa, a verdade inalterável, aquela que o tempo se encarregará de confirmar, é que êste primeiro contacto internacional foi dum enorme alcance para o futuro do ciclismo português e, longe de representar um descalabro, foi uma desilusão talvez, mas um honroso batismo de fogo.



Os portugueses à cabeça do pelotão

Se Nicolau tem feito a sua prova normal teríamos lògicamente tido dois homens classificados nos dez primeiros e batendo corredores de cotação firmada como Cepeda, Figueras ou Cipriano Ferrer.

Parece-nos que, se os insucessos internacionais fossem motivo para cessar actividades, já de há muito o nosso foot-ball teria recolhido ao cortiço. É lutando contra os melhores que se aprende e busca o aperfeiçoamento. A derrota deve ser um excitante para novos esforços.



… e, do qual apenas se vê um braço, escapa-se em Tui com Montero e Meana

A tentativa de agora precisa ter uma continuidade lógica, já melhor encaminhada, porque partiremos com conhecimentos de experiência.

É indispensável trazer às mais importantes provas nacionais, como a Volta a Portugal e o Porto-Lisboa, corredores estrangeiros, colocando os portugueses em idênticas condições mecânicas, aperfeiçoando-os com êste contacto e criando para o desporto da bicicleta um novo incentivo e um novo agente de interêsse público. Tal é a conclusão mais lógica da participação portuguesa na Volta a Pontevedra.

* * *

Alfredo Trindade foi, a muita distância, o melhor representante português e o único que alcançou resultados brilhantes. Aos seus companheiros faltaram possibilidades físicas a uns, energia moral a outros.

O pequeno vencedor da última Volta a Portugal, defendeu com galhardia a sua posição conseguindo na primeira jornada um autêntico triunfo, infelizmente não tão brilhante como merecia porque a adversidade o perseguiu.

Mantendo-se constantemente no pelotão da cabeça, Trindade o primeiro a responder com o asturiano Meana ao arranco decisivo de Luciano Montero à entrada de Tui. Ao sair da cidade levavam já 27 segundos de avanço sôbre o pelotão, onde vinha ainda Nicolau.

À passagem por Porriño, 15 quilómetros mais adiante, cinco homens seguem destacados e entre êles continua Trindade. O atrazo de Nicolau subiu para cêrca de dois minutos, tendo perdido contacto com o segundo pelotão.

Começa a partir dêsse ponto a escalada, primeiro na ladeira de Confurjo até Pu… depois na difícil serra de Fuentefr… fez recordar a subida da Estrêla, talvez esta mais severa embora menos extensa. São quarenta e cinco quilómetros difíceis e que vão consagrar o valor do nosso Trindade.

Com o esfôrço duro da longa rampa, os ho-

DESPORTIVA

portugueses a Pontevedra



...em ...

...ns separam-se e o nosso rapaz, que ficara para trás, vai passando um a um os ... Ouros, no alto da serra ... metros e com orgulho encontramos entre êles o minúsculo português. No cimo passa à frente Montero, que nesse momento precisa pára a ... um furo, uns cincoenta metros atrás vem Ezquerra, e mais trinta depois, Trindade.

Para encetar a descida perigosíssima em curvas apertadas, os espanhois mudam de multiplicador, avantajando-se consideràvelmente ... o português, que se fatiga pedalando a muito maior velocidade para avançar me...



Trindade ...

...entanto, em Aamosa, povoação a uns vinte e cinco quilómetros do têrmo da étapa, ...mos com o cronometro os intervalos d... gem dos quatro primeiros: Ezquerra à cabeça, Trindade a 40 segundos, Cardona a ... Montero a ...

Mais abaixo Trindade vai dar uma queda ... ente ferido com tôda a perna ... rida, perdendo assim grande parte da vantagem que alcançara pela fôrça do ... los. Relegado ao chegar a Ribadavia, para o quarto lugar, um brilhantíssimo quarto lugar, via-se batido por Ezquerra a 3 minutos e 48 segundos, Montero a ... minutos ... Cardona a 46 se... los. Pode...

... 3.ª posição a primeira jornada da ... Pontevedra, 161 kilometros de perfil ...

Sem mais referências, omitindo tudo o mais em que houve muito de ... por ferimentos, à coragem indomável de J... Francisco, ou o esfôrço bem digno de melhor sina de Trindade na etapa final ... basta esta proeza admirável de um dos melhores campeões portugueses para justificar a sua presença na Galiza, incitando-os a novos cometimentos.

* * *

Dentro de escassos dias, os ciclistas portugueses partirão para uma longa ... tros à roda de Portugal, ... ências relataremos na ... é dado acompanhar os ... Mais apressados ... conhecem há uma ... um mês em volta da ... deste ano, ... ou um interêsse ainda maior que ... dura, obrigando os concorrentes a esforços tais, que metade d... pelo caminho.

A luta, indecisa até final, resolveu-se favorà... ... precher um ... de qualidades atléticas ... o qual encontrou nos ... Guerra e Martano, nos belgas ... Archambaud ... dum ... foi da camisola ama... símbolo do pr... classificado de ... te a metade mais ... de represen... cos ... dos favoritos desist... ram por completo, enquanto conquista a vitória um homem com o qual ninguem contava.

Uma das maiores revelações desta volta foi o espanhol Trueba, já considerado um escalador de classe, mas que agora bateu sempre todos os competidores e no final alcançou uma brilhante classificação de sexto.

O resultado desta proeza deve ser a inclusão no ano próximo de uma equipa nacional ... entre os que participarão da prova, o que ... para o ... do país vizinho.

* * *

Alexandre Black, campeão de Portugal moto... vencedor das mais importan... melhor amo português, vencendo em abs... circuito de ... disputado nos arredores de Mafra. Black não só precedeu todos os seus ... correu os 457 kilometros do circuito em 5 horas, 3 minutos, 13 segundos e ..., com a velocidade média de 90,456 kilómetros horários, batendo o *record* precedente ... tuição do nosso orgulho um outro português, Jorge Teixeira, classi...

Salazar Carreira.



O que vai pelo Brasil







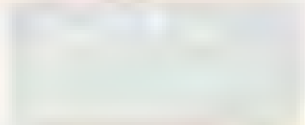
O "Mês da Cidade"

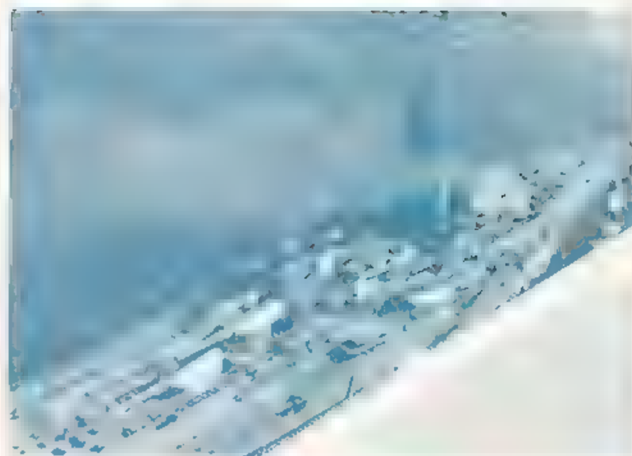


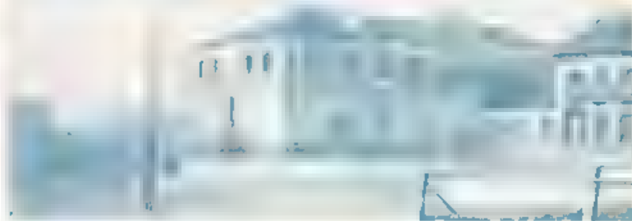


Aspectos gráficos















A herança de Rovisco Pais ao Hospital de S. José



UM rápido passeio de automóvel até à vila da Chamusca por entre horisontes extensos todos vestidos de verde pulcro, deu-nos pretexto para conhecermos a grandeza e a extensão da herdade da Perna Sêca que José Rovisco Pais deixou em legado aos hospitais civis de Lisboa. Por entre uma paisagem de sobreiros que se extende por perto de três mil hectares, perdendo-se nas curvas de algumas colinas que tocam o azul do céu, o "monte" com os seus celeiros e casas de habitação é um grito de vida no meio da desolação que nos rodeia, onde o sol impera como um sultão.

Aqui e além aldeias de carvoeiros, curiosas aglomerações, onde os carvoeiros passam semanas preparando o carvão numa vida primitiva e que nas vesperas de Santo António pareciam antegosar já a folia dessa noite paganisada, por entre danças e fandangos e canções magoadas onde a ausência é o "leit motiv", a fonte amargurada e triste de todos os motes e quadras, as quadras que no dizer tão belo de Fernando Pessoa, "são flores que o povo põe à janela da sua alma". A extensão da herdade é ilimitada, cansando os olhos de abranger uma área enormíssima, que se esbate na curva hirta e longíqua de alguns montes vestidos com a "parure" verde dos pinheiros, parecendo subir lentamente a própria curva dos montes. A herdade além do disfructo de cortiça e carvão em grande abundância, tem pedaços agricultados de horta e como tôdas as grandes explorações agrícolas sobeja-se a si própria, tudo possuindo nas suas terras extensas. O velho feitor parecendo arrancado a um painel quinhentista, tipo de português perfeito, curtido de sol e de trabalhos fala-nos da herdade com uma ternura apaixonada; e só ouvindo-o se tem a noção infinita e longa dêsses três mil hectares de sobreiral e de lavoura. O silêncio envolvente esclarece-nos a beleza eterna da paisagem desgrenhada e triste, transição da pulcritude, do "talvegue" ribatejano, em plena primavera, com o tapete verde das videiras deslumbrantes e prometedoras, para a paisagem alentejana vestida de estamenha, como amortalhada num burel panteista.

Além dessa herdade e de outros legados em dinheiro que perfazem globalmente e possivelmente, a importância de vinte mil contos, José Rovisco Pais deixou também aos Hospitais Civis a herdade de Pegões, a 70 quilómetros ao sul da capital, junto à estação do mesmo nome.

A paisagem tem aqui um horisonte extenso e longo de lezíria. São perto de oito mil hectares de terrenos para cultivo de trigos, enodoados com a mancha verde e rendilhada de alguns pinhais isolados. A herdade extensíssima e riquíssima, além dessas dimensões enormes tem grande quantidade de sobreiros e imensas pastagens, onde pastam manadas de gado vacum e rebanhos de ovelhas. Este ano de lavoura foram cedidas terras a trezentos seareiros, numa superfície de três mil hectares. Por aqui se avalia rapidamente o valor e a categoria desta herdade, uma das maiores de Portugal.

O seu *monte* é enorme, com celeiros e muitas casas para trabalhadores e bastantes arrecadações. A categoria agrícola desta propriedade, posto que seja incalculável dá-lhe uma especial importância; porque além do cultivo de trigo, de possuir um sobreiral e de apascentar centenas de cabeças de gado, pela sua extensão transforma-se numa pequena Chanaan. Terrenos fecundos e bem condicionados dão-lhe anualmente uma produção de trigo importantíssima, permitindo, como já acentuámos, que sejam ainda cedidos três mil hectares a trezentos seareiros, conseguindo-se assim que a maior parte da sua extensão seja agricultada e possa dar um rendimento maior.

Raras vezes, em Portugal, um acto de tanto civismo, tão nobre e tão expontâneamente foi cometido. Além duma dádiva de mil e quinhentos contos para uma Maternidade, José Rovisco Pais dota os Hospitais Civis com uma herança, que se pode afoitamente repetir, que é a herança duma grande casa de lavoura lusitana.

Os Hospitais Civis ficam, pois, detentores duma exploração de máxima responsabilidade e importância, sendo justo que lhe dêem uma direcção e uma administração próprias, para que as herdades se mantenham tal qual como se elas fôssem legadas a um sucessor directo. Será para os Hospitais Civis de Lisboa um título de glória, que àmanhã se saiba pelos seus visitantes e pela voz pública, que as herdades se manteem com a sua fisionomia própria e com o seu carácter agrícola intacto.

A nação deve manter inalterável a vontade dêsse benemérito sem filhos nem descendentes directos, que tudo deixou a uma instituição, digna da ternura e da simpatia de todo o país. Lanço mesmo um alvitre. O primeiro hospital a construir em Lisboa, deve ter o nome dessa grande figura de lavrador, que tudo deixou à grei, numa vontade expontânea e nobilíssima que só eleva o civismo admirável do seu acto. Por isso os Hospitais Civis devem manter inalterável a exploração destas herdades, a da Chamusca e a de Pegões, tal qual como se elas estivessem ainda a ser geridas pelo grande coração que as doou aos Hospitais Civis. Será esta, decerto, a melhor maneira de prestar ampla justiça à grandeza e à expontaneidade do seu gesto.

Correia da Costa

[illegible] M. A. Rodrigues





ACTUALIDADES



A Festa Ribatejana — Por iniciativa do jornal o «Seculo» efectuou-se no campo do Jockey Club, ao Campo Grande, a anunciada Festa Ribatejana. De manhã houve a tradicional «espera de touros». Fo [illegible] do até ao campo onde pela tarde se realizou a Festa Ribatejana. O vasto recinto encheu-se completamente. Houve primeiro para a com desfile de lavradores e campinos. Depois seguiu-se a *picaria* dum tou [illegible] de duas bezerras e corridas de campinos. Como «fim de festa» foi solto um boi embolado para curiosos. Correrias e as «respectivas» carícias do bicho fizeram com que o publico risse



O ministro dos estrangeiros inglês em Lisboa

Vindo de Londres e a caminho do Brasil em sem caracter oficial, esteve no Tejo, [illegible] Arlanza» o ministro dos Negócios [illegible] da Gran Bretanha — um dos signa[illegible] Pacto dos Quatro — sir John Simon [illegible] taque em Inglaterra e figura [illegible] nacional. Declarou aos jornalistas:

Não tenho declarações a fazer. Venho em [illegible] gem particular, gosando um repouso me[illegible] do. Não seria de bom gôsto estragar êste pa[illegible]

Momentos antes do embarque, e de [illegible] visitado Sintra e de ter deixado [illegible] tempo [illegible] o vosso belo País [illegible] em e de trabalho [illegible] internacional é hoje [illegible] ordem e o trabalh[illegible] e do sr. Embaixador do [illegible]

Uma homenagem à memoria de Brito Aranha

A Academia de Ciências de Lisboa, pela sua classe de letras, prestou há dias uma homenagem à memoria de Brito Aranha. Presidiu [illegible] presidencia do sr. dr. Júlio Dantas — o sr. general Teixeira Botelho, secretariado pelos srs. Joaquim Leitão, secretario geral da Academia e dr. Brito [illegible] Brito Aranha foi feito pelo sr. dr. Alfredo da Cunha que leu um va[illegible] trabalho intitulado «No centenario de Brito Aranha — A Academia e os autores do Dicionári[illegible] Português».

Terminada a leitura, tôda a sala [illegible] too com uma salva de palmas. Em seguida [illegible] sr. dr. Joaquim Manso — ilustre director do «Diario de Lisboa» — leu uma erudita comunicação sôbre o têma «Humanismo».



CINEMA

Actores que desaparecem



Uma foto pouco vulgar da inteligente actriz Claudette Colbert

Os últimos tempos têm decorrido funestos para o cinema. Um número invulgar de artistas, muitos dos quais foram célebres e, enfim, pouco a pouco caindo no esquecimento do público, desapareceram para sempre da vida agitada dos estudios onde conheceram as misérias e grandezas da carreira artística.

O principal foi, sem dúvida, Roscoe Arbuckle, o inesquecível «Fatty» que durante tantos anos alegrou o Mundo com o riso simpático e sadio do seu enorme carão redondo. Morreu sem agonia, docemente, no dia 29 de Junho, numa residência modesta de Nova York.

«Fatty» foi perseguido, na sua agitada e dolorosa existência, por uma sombria fatalidade. Conheceu a fama e uma publicidade formidável consagrou-o durante muito tempo na admiração do público. Só hoje, porém, o seu verdadeiro valor como cómico genial, de transbordante fantasia, começa a ser justamente compreendido.

Há doze anos, «Fatty» encontrava-se em pleno êxito. O Mundo inteiro saboreava guloso as imprevistas aventuras dêsse gordacho, cujo espírito animado se debatia contra a obesidade numa luta de irresistível cómico. No decurso duma festa, em que as bebidas espirituosas correram abundantes, «Fatty» foi testemunha da morte duma jovem actriz de nome Virginia Rappe. Embora nenhuma culpabilidade lhe coubesse no trágico acontecimento, «Fatty» foi citado perante os tribunais como presumido autor dum crime. A marcha do processo provou que a morte da actriz fôra natural e «Fatty» foi, por consequência, absolvido. Mas a enorme popularidade que o cercava causou a sua desgraça. Enorme campanha se desenvolveu contra o infeliz actor. Como Charlot e outros grandes cómicos, «Fatty» tinha contra si o ódio das sociedades puritanas da América do Norte, cujo espírito estreito ele mais duma vez satirizara. Foi isso que o perdeu. Artigos na imprensa, comícios e outros meios de propaganda criaram-lhe uma situação insustentável. Umas após outras tôdas as portas dos estudios se lhe fecharam, impossibilitando-o de reconquistar a posição perdida.

Para viver «Fatty» fez-se realizador. Sob o pseudónimo de William Goodrich dedicou-se à encenação de filmes cómicos, no que, graças à sua longa prática, adquiriu grande reputação.

Há dois anos, «Fatty» anunciára a sua intenção de voltar ao cinema, para tentar mais uma vez recuperar a posição tão injustamente perdida. E assim fez. Alguns amigos dedicados quotizaram-se para subvencionar um filme interpretado por êle. O resultado foi tão satisfatório que a «Warner Brothers» decidiu oferecer-lhe um contrato para a produção de seis películas. Mas a fatalidade continuava a persegui-lo e «Fatty» em breve reconheceu que o seu êxito estava muito longe de assumir as proporções de outrora.

Uma embolia cardíaca pôs ponto final nesta luta cruel contra o destino. Addie Mac Phail, artista de teatro, que com êle se casara há pouco mais de dois anos, foi encontrá-lo morto com uma profunda expressão de serenidade no rôsto gordo que tanto fez rir o Mundo.

No mesmo dia em que «Fatty» desaparecia do número dos vivos, os jornais anunciavam a morte de Harry Langdon, outro cómico célebre.

Quem não se recordará ainda dêsse singular artista cujo olhar sonâmbulo parecia desafiar o destino?

Uma fatalidade, que tem estranhas semelhanças com o de «Fatty», pesava sombriamente sôbre a vida de Harry Langdon. Há cêrca de dois anos, o infeliz cómico procurava por todos os meios consolidar a sua posição no cinema, bastante abalada após o advento do sonoro. Sob uma falsa acusação de roubo foi preso, conseguindo a breve trecho provar a sua inocência. Este desagradável incidente foi, contudo, um rude golpe nas suas ambições. Harry e sua mulher intentaram, então, um processo contra o queixoso exigindo-lhe uma forte indemnização. Depois veio o divórcio e agora finalmente o comerciante que o perseguira injustamente perante o tribunal acaba de ver julgado a seu favor o processo de indemnização que Harry Langdon lhe intentara.

A morte rematou a tragédia do infeliz cómico que a vimos de certo aproximar-se com êsse mesmo olhar inexpressivo e resignado que o celebrizou.

A acrescentar a estes temos ainda Ernest Torrence, o excelente actor americano que consagrou toda a sua carreira artística à composição de figuras grosseiras e primitivas, a que soube imprimir um extraordinário cunho de realidade. Ernest Torrence sucumbiu a uma doença que o minava implacavelmente havia muito tempo. Tinha acabado de interpretar «I cover the waterfront», e foi a enterrar no próprio dia em que êsse filme se exibia pela primeira vez.

A sua morte deixa em aberto uma vaga no cinema norte-americano. Como actor característico dificilmente poderá ser substituído. É justamente nêsse género de papeis de segundo plano que a falta de bons autores se faz sentir.

Outro actor que desaparece, deixando atrás de si um passado glorioso, é Prince. Quando o cinema francês se achava no apogeu da sua popularidade, Prince foi o artista querido das multidões. Comediante de admiráveis qualidades, produziu uma série de curtas comédias que fizeram época. Não nos ocorrem os seus títulos, tão recuada é já a época em que elas brilharam nos *écrans*. Mas ainda hoje evocamos com saudade a sua figura de cómico tão original.

Durante os últimos anos do cinema silencioso, Prince tinha desaparecido por completo dos *écrans*. Vivia à sombra da celebridade que conquistara com as suas famosas comédias curtas. Quando o fonocinema veio alguém se recordou que êle havia sido actor de teatro, estando por isso qualificado para defrontar o microfone. Foram buscá-lo e reconduziram-no ao estúdio. Tomou parte na realização de diversos filmes, em papeis modestos, sem grande relêvo. A sua época passara. Representava agora figuras de velhos aristocratas. E fazia-o com essa compreensão admirável da arte cénica que o tornou célebre. Vimo-lo ainda em Lisboa, num filme a par do artista cómico Georges Milton.

A morte, consequência dum antigo padecimento, pôs termo à sua carreira. E o cinema perdeu nêle um dos grandes cómicos primitivos e espontâneos que com Max Linder e Charlot souberam, antes de ninguém, compreender o profundo sentido da arte cinematográfica.

No cinema, como em tudo, artistas que desaparecem são artistas que esquecem. Hoje detemo-nos ainda um momento a evocar as sombras que êles animaram no *écran*, fantasmas claro-escuros de sêres que nunca conhecemos. Amanhã outros nos farão rir e a êles consagraremos a nossa admiração.

A morte é, sem dúvida, destino comum a todos os homens. Mas do que fica relatado conclui-se que o Mundo é muitas vezes cruel e ingrato para aqueles que procuram diverti-lo e ajudá-lo a esquecer as pequeninas misérias da vida.



Um modelo de pijama usado por Leila Hyams

CINEMA

Divórcios de "estrelas"

A influência que o cinema exerce nos costumes, nas ideias e até na moral do nosso tempo é incalculável. Sabemos que há quem se penteie como certo artista, quem escolha determinado modêlo de vestido que figurou num filme, quem modele o seu rôsto pelo de qualquer atriz célebre. A cada passo, na rua, surgem-nos réplicas mais ou menos felizes de Gretas Garbo languidas, de Claras Bow azougadas e travêssas, de Ramons Novarro petulantes e conquistadores. Mas tudo isso não é mais do um aspecto superficial da enorme influência exercida pelo cinema — influência que se reflete mais profundamente ainda se bem que muitas vezes não o notemos nas ideias e na moral do nosso tempo.

Não nos referimos já à acção exercida pròpriamente pelos filmes. Essa, se bem que importante, tem um carácter heterogéneo. Há sempre dois filmes para sustentar dois conceitos opostos. E a influência resultante, sendo poderosa, é contudo indefinida, sem directrizes gerais.

O mesmo se não dá quanto aos actores. Hollywood criou essa categoria especial de sêres humanos que são as «estrêlas». Isolou-os, por assim dizer, do resto da humanidade. E para servir os seus interêsses criou em tôrno dêles uma formidável organização de publicidade que tem por missão gritar, nos quatro cantos do globo, o que pensam, o que dizem e o que fazem as «estrêlas».

É incontestável que o público, considerado na generalidade — e mais ainda noutros [illegible]ses do que no nosso — se interessa por êste género de publicidade. As revelações sôbre a vida íntima das «estrêlas» são lidas com avidez. Tudo o que aos seus gôstos e costumes se refira é saboreado com prazer. Não o ignora a Imprensa — sobretudo na América — que a miúdo serve ao leitor êsse apreciado prato jornalístico.

Ora dentro das suas especiais condições de vida, as «estrêlas» constituem, de facto, uma categoria à parte — perdôe-se-nos o [illegible] tro da Humanidade. Não são uma pura invenção dos serviços de propaganda das emprêsas. São, sem dúvida, criaturas excepcionais que um conjunto especial de circunstâncias reuniu nas decantadas paragens de Hollywood.

Dêste modo, embora desprezemos o muito que existe de fantasia e ridículo na desordenada publicidade dos grandes nomes do cinema, resta-nos ainda uma considerável parcela de realidade que vai exercer uma considerável influência — boa ou má — no espírito do público. São os problemas amorosos de cada artista o que mais prende a curiosa atenção do público. Porquê? É fácil encontrar grande número de razões que o expliquem. O facto, porém, é incontestável.

A êsse problema sentimental vamos encontrar estreitamente ligado um outro [illegible]te é sua consequência — o divórcio.

Chegamos aqui ao ponto mais importante da questão. O divórcio é uma instituição consagrada pelo cinema. No pequeno mundo dos artistas cinematográficos a percentagem de separações legais atinge proporções extraordinárias. E pode dizer-se que o cinema tem concorrido mais poderosamente do que qualquer outra cousa para a propaganda do divórcio.

Deixamos aos sábios e aos moralistas o encargo de julgar um facto que nos queremos limitar a verificar. Como apenas nos interessam, de momento, os actores de cinema, vamos tentar penetrar as razões que orientam essa singular comunidade.

Já dissemos que as «estrêlas» formam dentro da espécie humana uma categoria especial. Vivem num ambiente diverso do vulgar. Para atingirem a forma de que gozam foram submetidos a uma implacável selecção a que só escapam os que são realmente dotados de energias férreas e qualidades raras. A publicidade a que se submeteram foi para quási todos uma dura escola de sinceridade. As suas próprias existências íntimas não lhes pertencem, mas [illegible]m à multidão. Nestas condições, [illegible] indispensável ser sincero. São pois a coragem moral e a sinceridade que determinam a sua posição em face da [illegible]vida.

O divórcio representa, portanto, uma atitude clara e decisiva que se substitue ao adul[illegible]

Por isso as «estrêlas» se divorciam. Mary Pickford, há dezasseis anos, assombrou o Mundo dissolvendo o casamento com Owen Moore para [illegible]onsorciar com Douglas Fairbanks. Em 1920, Mary e Douglas [illegible]niram os seus destinos e durante longos anos foram considerados o casal mais unido de Hollywood. Contavam-se pequenos pormenores da sua vida de enamorados. Nunca Douglas jantou face a face com sua mulher separados pela largura duma mesa. Preferia ficar junto dela amorosamente recolhidos a um canto. Mais tarde tudo mudou. Douglas começou a fazer extensas viagens pelo Mundo. A sua presença em Hollywood ia rareando. E agora o mais imprevisto e o mais lógico fim vem rematar esta situação. Douglas e Mary põem no seu romance de [illegible]mor o ponto final decisivo e [illegible]ncero dum divórcio.

[illegible]ia Swanson, artista de temperamento irrequieto e insatisfeito, encontra-se actualmente na sua quarta experiência matrimonial. O mesmo sucede a Charlot. E há mais, muito mais, que se obstinam em encontrar uma felicidade que lhes foge.

Constance Bennett, artista que uma publicidade desenfreada exaltou extraordinàriamente, celebrizou-se também por dois retumbantes divórcios. Ana Harding, que foi casada com Harry Bannister e com quem constituiu durante anos um dos casais mais unidos de Hollywood, surpreendeu também há algum tempo os seus admiradores com um inesperado divórcio.

Contudo, existem ainda lares que parecem resistir com êxito à onda esmagadora dos divórcios. Harold Lloyd e sua mulher Mildred Davis, estão neste caso. Norma Shearer e Irving Thalberg formam outro dos casais unidos por uma estreita amizade.

Mas o caso ainda recente do divórcio de Chevalier e mais ainda o de Douglas Fairbanks vieram tirar muitas ilusões sôbre a felicidade conjugal em Hollywood. O primeiro abandonando a simpática Ivonne Valée pouco tempo após a sua chegada aos Estados Unidos. O segundo, como relatamos, rematando com um [illegible]vórcio inesperado a sua união com Mary Pickford.

Actualmente, «Pickfair», a encantadora morada de que Douglas e Mary haviam feito o ninho [illegible]noso dos seus amores e que durante muito tempo foi apontada como o modelo dos lares tranquilos de Hollywood vai ser vendida. E por cêrca de 80.000 libras — menos de metade do [illegible] — qualquer estranho poderá entrar de posse da famosa residência.

De tudo isto nasceu a lenda de que na atmosfera enxovalhada da cidade dos filmes paira um mau espírito que rompe todos os laços, ainda mesmo quando êles parecem indestrutíveis.



Sylvia Sidney, a emocionante artista americana de «Ruas da C[illegible]



Uma elegante «toilette» da elegante actriz da Paramount Peggy Hopkins

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

Filmes antigos

A grave crise que o cinema atravessa levou os produtores de filmes a encarar muito a sério a reedição de velhas películas que obtiveram êxito e que seriam agora acrescidas dum acompanhamento musical.

Pensa-se, portanto, em fazer reaparecer no écran os primeiros filmes de Douglas Fairbanks, Mary Pickford, Rodolfo Valentino, Charlot, etc.

O que é curioso é que são justamente os actores que se mostram dispostos a fazer oposição à ideia. Charlot e Doug[illegible] exemplo, receosos do ridículo [illegible] bição dêsses filmes os faria correr, de[illegible]ram-se dispostos a recorrer ao tribunal. Harold Lloyd, por seu lado, intentou acção judicial contra um distribuidor que pretende exibir alguns dos seus primeiros filmes.

Estes casos são, em geral, duma difícil resolução por não ser possível definir exactamente a quem pertence a propriedade dos filmes antigos. Nos primeiros tempos do cinema, o negativo era muitas vezes vendido ao distribuidor que se encarregava da tiragem de cópias positivas.

Em resumo, a ideia tem provocado uma inquietação que nos parece inútil. A exibição dos caracóis de Mary Pickford e das primeiras aventuras ingénuas e efectivas de [illegible] e não contribuiria em nada para resolver a crise actual. E os exibidores que se dispusessem a experimentá-lo bem depressa [illegible]nceriam desta verdade.

O realizador Vitor Trivas está preparando a realização de «Noventa e três» segundo a célebre obra de Vitor Hugo.

«Noventa e três» é uma das obras mais vigorosas do genial escritor francês que histori[a os] tempos heróicos e confusos que seguiram à Revolução Francesa. É um conjunto admirável de belas imagens, animadas por uma acção poderosa, onde o artista que é Vitor Trivas poderá encontrar farto material para a composição duma grande obra da cinematografia francesa.

Pierre Blanchar, um dos nomes mais [illegible] cia do cinema francês foi contratado para interpretar um dos principais papéis.

Na vida [illegible] ebril dos estúdios surgem, por vezes, pequenos episódios que revelam em toda a sua crueza feições irónicas e trágicas da vida.

Há tempo, por exemplo, durante a filmagem de «Berkeley Square», o realizador notou que um figurante seguia com concentrada atenção todo o trabalho dos artistas. Tão extraordinária lhe pareceu essa atenção que quis saber quem era êsse observador interessado. A ficha de identidade do figurante revelou-lhe o nome — Tom Richetts.

Para o leitor que talvez o ignore, dir-lhe-emos que Tom Richetts era há dez ou doze anos um dos realizadores mais categorizados da America. Hoje como se vê contenta-se com a posição de modesto figurante.

Apesar dos desanimadores resultados até hoje obtidos, a indústria cinematográfica italiana persiste, com admirável coragem, em se organizar sôbre bases estáveis. Assim, um novo e poderoso consórcio de produtores acaba de se formar em Turim. A actividade do novo organismo começou em 15 do mês findo com a realização de «Villafranca», obra que tem por fundo a segunda guerra da independência [illegible].

Além de diversas outras produções projectadas, a nova empresa empreenderá a adaptação ao *écran* da famosa peça de Mussolini intitulada «Os cem dias». Como se sabe esta obra do ditador italiano obteve considerável êxito, tanto pela categoria do autor como pelas suas próprias qualidades literárias. Espera-se por[illegible]al sorte esteja reservada à ve[illegible] cinematográfica.

Werner Krauss, o famoso actor austríaco, interpretará possivelmente o [illegible] de Napoleão de que já deu no [illegible] admirável [illegible]



Marlene Dietrich no filme «Cântico dos cânticos»

Jacques C[illegible] regressa à actividade no filme «Castelos do Sul» que está sendo realizado em Berlim.

O artista que foi um dos primeiros galãs do cinema francês, prepara-se assim para reconquistar uma celebridade que ia ficando esquecida.

Há algum tempo que um simpático casal de esquimós se encontra em Hollywood disposto a tentar fortuna no cinema.

O [illegible] o que se chama Chee Ak, fala correctamente o inglês, visto que foi educado por missionários ingleses do Alaska. Tomou parte em diversas expedições polares na companhia de alguns intrépidos exploradores. Quanto à mulher que conta apenas 16 anos, chama-se Kyatuk e não quere de forma alguma vestir-se à americana.

As máquinas cinematográficas ainda lhe ins[illegible]nde terror, mas é de esperar que [co]m o tempo consiga vencer êsse instintivo terror.

O casal esquimó vai agora interpretar um filme cuja acção se passa no polo. É [illegible] regresse depois ao seu país com um punhado de dólares e com um repertório de histórias maravilhosas que farão as delícias da sua tribu nas longas noites do inverno ártico.

Diversos jornais relatam que um tal doutor Gaspar, de Berlim, descobriu um novo processo de cinema a côres que está destinado a revolucionar a indústria.

Êsse processo não exige aparelhos complicados e o trabalho de laboratório será tão fácil como se se tratasse de filmes vulgares em claro-escuro.

[Se] assim fôr, pode prever-se para muito breve a era dos filmes em côres que virá suceder à dos filmes sonoros e acrescentará a êstes um particular encanto.

A capa do presente número representa a actriz Mae West, da «Paramount», que nos últimos meses ascendeu à maior celebridade no mundo do cinema.

FIGURAS E FACTOS









OS VENCEDORES | **OS VENCEDORES**

PELO MUNDO FÓRA

27.ª volta a França em bicicleta



Georges Speicher

$147^h\ 51^m\ 37^s$



A "equipe" franceza

1.ª classificada com o tempo de $444^h\ 32^m\ 50^s$



Georges Lemaire

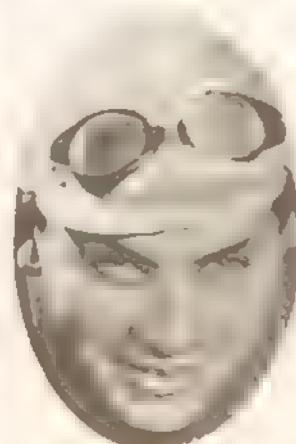
$148^h\ 07^m\ 22$



Learco Guerra



A "equipe" belga



Maurice Archambaud



Giuseppe Martano



A "equipe" alemã

... o tempo de $447^h\ 13^m\ 14$



Vicente Trueba



A "equipe" suiça

4.ª classificada com o tempo de $448^h\ 45^m\ 43$

PELO MUNDO FÓRA

Premios escolares

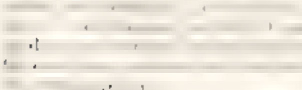


P[illegible] d.ano do liceu de S[illegible] foi o es[illegible], este ano [illegible]. Ei-lo à sa[illegible] do de livros. O P[illegible] do pelo Presidente da Republica, que foi concedido [illegible] num exemplar do grande [illegible]

Banhos de Sol



Em Biarritz — uma das praias francesas de grande renome — as [illegible] após o banho, desnudam, [illegible]



Corridas de «side-cars»



Em Berlim, realizou-se ha pouco o Circuito de l'Avus, [illegible] cars». Os p[illegible] acima publicamos.

O «canto» da vitória dum «boxeur»



Primo Carnera — o grande pugilista italiano — que conquistou o titulo de campeão do mundo batendo ha pou[illegible] foi na noite do combate para um bar de Nova York e ali cantou, tocando êle proprio harmonio, a sua grande [illegible]

As mais belas «costas» de Paris...



Paris é a cidade dos concursos. [illegible] concurso [illegible] electuou-se na ca[illegible] Paris». Houve cêrca de cincoenta concorre[illegible] algumas das senhoras durante [illegible] pintores, escultores e jornalistas d[illegible]

Uma partida de «bridge» sensacional



O grupo americano de que faz parte o celebre jogador de «bridge» Ely Culbertson bateu-se em Paris com o grupo francês de Pierre Bellanger. Foi uma notável partida, presenciada por dezenas de pessoas. De comum acôrdo foi adotado o «plafond». O «match» [illegible] eclarado nulo.

O verão no «Bois»



[illegible] a [illegible] toga e a [illegible] import[illegible] com o nu[illegible]. Elas tom[illegible] que vistas indiscre[illegible] incomo[illegible] dem... Outros habitos.

Depois da «colhida»...



Manolo Bienvenida reapareceu na praça de Barcelona, depois da grave colhida que sofreu [illegible] grande de Madrid. Logo no [illegible] touro foram-lhe concedidas as duas orelhas e o rabo do bicho que abateu à primeira estocada. Deu duas voltas à praça e as senhoras encheram-n-o de flores.

A 323 km. à hora!



O aviador francez Georges Detre [illegible] bou a Taça Deutsch de la Meurthe por ter alcançado a velocidade de 323 quilometros e 800 metros à hora. Ei-lo, momentos depois de aterrar, recebendo um beijo da mulher. O segundo classificado — aviador Delmothe — alcançou 291

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

GINKANA INFANTIL

Na tarde de sábado 10 do corrente, realiza-se em Sintra, uma interessante «ginkana infantil» de caridade organisada pela comissão de festas de Nossa Senhora do Cabo, em que serão disputados seis artísticos prémios, a saber 1.º — «Barco», 2.º — «Urso Branco», 3.º — «Lobo do mar», 4.º «Yo-yo Gigante», 5. ... música» e 6.º — «Livro de gente de palmo e me... s seguintes provas

«Corrida de animais», «Largada de Pombos e Balões», «Tiro ao Boneco Gigante de Sete Dedos», «Pesca Milagrosa» «Pum-Pum Pum» «Come tudo»

Haverá também teatro de fantoches, em que será representado um interessante original intitulado «Diálogo entre Robertos», escrito expressamente para esta festa, pelo brilhante escritor e nosso antigo colega na imprensa sr. dr. Luís de Oliveira Guimarães.

A inscrição para a «ginkana» ... é de 1$00 e faz-se no «Bureau de turismo», no Cartório da Misericórdia e Hotel Costa.

Pelo grande interêsse que esta festa de caridade está despertando é de prever que ela revista extraordinária animação e brilhantismo.

Casamentos

Na Basílica da Estrêla realisou-se no último sábado, com grande brilhantismo, o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Gonçalves Pedroso, gentil filha da sr.ª D. Alda Gonçalves Pedroso e do nosso querido amigo sr. José Maria Pedroso, distintíssimo gerente da Casa Bancária Borges & Irmão, com o sr. Vasco de Lacerda Marques, filho da sr.ª D. Maria Amália Pereira Lopes de Lacerda Marques e do distincto arquitecto sr. Tertuliano de Lacerda Marques, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido no salão de mesa da elegante vivenda «Maria Luísa», em S. João do Estoril residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, depois para o «Palace» do Buçaco, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Bettencourt Rebêlo, gentil filha da sr.ª D. Vera de Bettencourt Olavo e do sr. Luís Pedro Rebêlo, já falecido e enteada do sr. dr. Carlos Olavo, secretário geral do Govêrno Civil de Lisboa, com o sr. Pierre de Beneducci, funcionário superior da Vacuum Oil Company, filho dos srs. marqueses de Beneducci.

Foram padrinhos, por parte da noiva, sua mãe e seu padrasto e por parte do noivo os srs. drs. Bettencourt Rodrigues e Xavier da Silva, antigos ministros dos Negócios Estrangeiros.

O acto religioso, foi celebrado em capela armada na residência da mãe do padrasto da noiva, à Estrêla, sendo celebrante o prior da Lapa, reverendo Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo lanche devendo os noivos seguir êste mês para o estrangeiro, em viagem de núpcias.

Na capela da Casa do Monte, na Povoa do Varzim, residência da sr.ª D. Virgínia Alves de Campos realizou-se o casamento de sua interessante sobrinha sr.ª D. Maria Carolina de Campos Trocado, filha da sr.ª D. Maria Alves de Campos Trocado e do sr. dr. Josué Trocado, com o sr. António Pinto de Carvalho Freitas do Amaral filho da sr.ª D. Ana Mendes Ribeiro do Amaral e do coronel sr. Duarte do Amaral Pinto Freitas.

Serviram de madrinhas a mãe e a tia da noiva e de padrinhos o pai e o irmão do noivo sr. Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral. O acto religioso, foi celebrado por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo de Évora D. Manuel da Conceição Santos, que no fim da missa fez uma notável alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Serviram de caudatárias as meninas Maria Emília de Sequeira Braga Cochofel Teixeira Dias e Maria do Carmo Freitas do Amaral Lobo Machado, conduzindo as alianças o menino Pedro Freitas do Amaral Lobo Machado.

... a cerimónia religiosa foi servido no salão de mesa da elegante residência um finíssimo lanche seguindo os noivos depois para o ... foram passar a lua de mel.

... sr.ª D. Amália Teixeira Wirtz, gentil filha da ... D. Olívia Teixeira Wirtz e do sr. Alberto Wirtz, com o sr. Paulo de Borba Damião Dias, filho da sr.ª D. Hermínia de Borba Nunes da Cunha e do heroico alferes sr. Damião Dias, que foi um dos primeiros oficiais portugueses mortos durante a Grande Guerra.

A cerimónia deverá realizar-se no fim do corrente.

— Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira o casamento da sr.ª D. Ana Rosa de Sousa Dias, interessante filha da sr.ª D. Maria Francisca de Sousa Dias e do sr. dr. Francisco de Sousa Dias, com o sr. dr. Rodrigo Martins Gusmão Boto filho da sr.ª D. Mariana Boto e do sr. João Gusmão Boto, já falecido.

Foram madrinhas a sr.ª D. Maria de Sousa Dias Saraiva da Rocha e a mãe do noivo e padrinhos os srs. drs. Magalhães Ramalho e António Saraiva da Rocha.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida Duque d'Ávila um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Pela sr.ª D. Maria Luísa Veiga de Abreu Freire, foi pedida em casamento para o sr. Bernardo Maria de Almeida Freire e Albuquerque filho da sr.ª D. Margarida de Jesus de Almeida Freire e Albuquerque e do sr. Victor Casimiro de Almeida Freire a sr.ª D. Maria Salomé de Lima e Lemos Bravo, gentil filha da sr.ª D. Maria da Assunção de Lima e Lemos Bravo e do sr. José Maria Lodo Feroz Bravo.

O acto realizar-se-á por todo o corrente mês.

Na paroquial de ..., realizou-se o casamento da sr.ª D. Edith Spratley Pinto da Silva, interessante filha da sr.ª D. Arminda Spratley Pinto da Silva e do sr. Eduardo Caetano Spratley Pinto da Silva, com o sr. Octávio José Salgado, funcionário técnico da Caixa Geral de Depósitos e Previdência.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Maria Pinto da Silva Spratley e D. Maria Angélica Conte Caldeira d'Ordaz de Sampaio Baptista e de padrinhos os srs. Alberto Spratley e o engenheiro Evélio de Sampaio Baptista.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Com muita intimidade realizou-se o casamento da sr.ª D. Andrée Renée Devris com o sr. Octávio Pinto da Rocha tendo servido de madrinha a sr.ª D. Lilias Pinto da Rocha e de padrinho o sr. dr. Américo Pinto da Rocha, cunhada e irmão do noivo.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

Realizou-se na paroquial de S. Jorge de Arroios, o casamento da sr.ª D. Mercedes Santos Tavares gentil filha da sr.ª D. Maria Catarina dos Santos Tavares já falecida e do sr. Joaquim dos Santos Tavares, com o sr. Fernando Cazenare filho da sr.ª D. Stela Gomes Barbosa Cazenare falecida e do sr. Pedro Cazenare.

Foram madrinhas as sr.as D. Maria Leonor A... dos Santos de Almeida Pinheiro e D. Mariana Guilhermina Marques Durão de Sá e padrinhos os oficiais da armada srs. Joaquim Alberto de Almeida Pinheiro e Ladislau Mário Durão de Sá.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

D. Nuno



A sr.ª D. Maria da Conceição Gonçalves Pedroso e o sr. Vasco de Lacerda Marques, ... casamento realizado na tarde de sábado ... da Estrêla ...

VIDA FEMININA

PÁDUA — *Pádua foi para mim uma surpresa. Imaginei sempre que esta cidade fôsse no género de Ravenna, uma pequena cidade antiga. Em [illegible] disso encontrei uma cidade linda, grande, movimentadíssima, e com uma parte moderna muito bonita, cheia de lojas de moda, perfumarias, cabeleireiros, encontrando-se tudo o que se pode desejar. Bons eléctricos, para uma terra de província, e tudo o que a vida moderna exige. Óptimos hotéis, sendo muito simpático o aspecto e o pessoal do Grande Hotel, onde me hospedei. Uma coisa a notar no povo italiano: é o acolhimento que faz aos estrangeiros que o visitam. Não falo no pessoal dos hotéis, pois que é êsse o seu [illegible], mas em tôda a gente, desde a mais distinta e culta, ao povo, o acolhimento é o mesmo, a gentileza igual, e isto provém do grande patriotismo dos italianos. Todos se[illegible] têm prazer em mostrar as belezas da sua terra, mas um prazer sincero, sentido. Têm como que a gratidão por quem admira a sua Pátria. Então, quem fala italiano é quási para [illegible] um concidadão. É-se festejado e acarinhado. É bem diferente a sua atitude da dos franceses, incapazes de se arredar um passo para dar uma informação e achando naturalíssimo que se fale a língua dêles; achando até que é uma obrigação falá-la bem. Mas voltemos a Pádua. A parte antiga tem magníficos palácios como o Palácio della Ragione e o Palácio della Guardia. Muito interessante essa parte da cidade, com as suas ruas em arcadas, onde estão as lojas e onde mesmo com chuva se pode andar sem ficar molhado. É grandiosa e linda a praça de Vítor Manuel, e muitas praças bonitas tem. Mas em Pádua o centro é «Il Santo». Não se diz qual santo. Aqui há um sôbre todos os outros, e ser compatriota e concidadã do Santo é uma [illegible] tratada quási como família do grande Santo António, que é a alma de Pádua. Os chocolates, os perfumes, os sabonetes, são «del Santo». Há uma verdadeira ternura por Santo António, tôda a gente conhece a história dêle, mas a sério, e não como santo de namoricos e bilhas partidas. Conhecem os seus sermões, a sua vida, e admiram-[illegible] sábio e douto e como santo de milagres. O centro de Pádua é, p[illegible] Basílica de Santo António.*

É um mixto a sua arquitectura. Começada em 1232, um ano depois da morte do Santo, esteve a sua construção interrompida durante dezanove anos, o período da dominação do tirano Egelino. Nela se reconhecem os estilos românico, gótico e bisantino, o que a torna muito original, mas para o meu sentido de profana da Arte falta-lhe a harmonia. Tem-se a impressão que são três igrejas diferentes amalgamadas. No entanto, a sua grandiosidade torna-a soberba e dentro tem verdadeiras maravilhas. Para a minha sensibilidade a coisa mais bela que há na basílica é a capela de S. Feli[illegible] uma das raras jóias da Arte italiana de [illegible] mandada construir por Bonifácio Lupe, marquês de Soragna, foi dedicada a S. Tiago.

As suas paredes são revestidas dos mais belos frescos de Jacopo Avanzi e Altichieri [illegible] e representam a vida de S. Tiago. A [illegible] conservação esplêndida, e sem grandes [illegible], assombra se pensarmos que foram começados no ano de 1290! Esta capela, tôda de um harmonioso estilo trecentista, tem no meio um altar que choca de 1500. Êste altar é a sombra negra de um erudito frade que sempre me acompanhou nas minhas várias visitas à Basílica, e que de uma rara sensibilidade artística, não admite a desharmonia. Mas na Basílica há muita coisa que destoa, sendo a principal um «panneau» da actualidade,



todo iluminado a lâmpadas eléctricas, que foi colocado para o Centenário no fundo do altar-mor, no côro, que é todo bisantino. Padre Luigi quási se zanga, e tem razão, o bom velho. No altar-mor há os mais maravilhosos bronzes de Donatello e de seus discípulos. Sôbre o altar-mor um Cristo crucificado, em bronze, que é sublime de expressão, parece que respira. Ao lado do altar há um candelabro em bronze, obra de Andrea Briosco, discípulo de um discípulo de Donatello, que fêz alguns dos bronzes que ornam a capela-mor, mas que ultrapassou o mestre e quási igualou o inimitável Donatello. A [illegible]la onde está o túmulo do Santo, em frente à capela de San Felice, é de uma grandiosidade soberba. Começada em 1470, estilo quinhentista, nela predominam os mais ricos mármores, é uma jóia de pedraria, onde vemos o pórfiro, o jade, o alabastro e todos os mármores italianos.

Nove episódios da vida de Santo António em baixos-relevos maravilhosos, verdadeiros grupos de mármore, ornam as paredes, e são obra de Minello, Sansovino, Tullio Lombardo e outros grandes artistas da [illegible].

O altar é sôbre a urna de mármore verde, que contém, numa caixa de prata, os ossos do Santo. No altar os mármores alternam com os bronzes num trabalho de maravilhosa escultura. Ladeado por [illegible] em mármore e prata, é obra magnífica de 1673. As capelas por traz do côro são lindas. O que é impressionante é ver as peregrinações de tôda a parte de Itália, de tôda a parte do Mundo. Ouvem-se tôdas as línguas, e isto há tantos meses que começou o Centenário. É assombrosa a fé que por todo êsse mundo há no nosso Santo, e que afinal tão mal conhecido é entre nós como casamenteiro e santo de bairro.

É preciso ver a profunda reverência com que aqui todos se aproximam do seu túmulo para sentir a revolta que eu, aliás, sempre senti quando via certas estúpidas pinturas que o representam quebrando a bilha às môças com aspecto brejeiro. É uma lenda estúpida, que tem de [illegible]bar. Junto à basílica há uma pequena capela na praça, que eu reservei a sua descrição para o fim desta crónica porque é para mim das mais impressionantes belezas de Pádua: a «Scuola del Santo». Em baixo é a capela com algumas belas telas, mas em cima há a Sala do Capítulo, que é um tesouro artístico digno da maior admiração. As suas paredes são cobertas de frescos, e basta dizer que três dêsses frescos, os mais maravilhosos pelo desenho, pelas cô[illegible] pela frescura, são de Tiziano. Nunca a arte de Tiziano me pareceu tão deslumbrantemente bela. Sobretudo um dêles, que representa um marido ciumento que fere a mulher inocente e que o Santo cura imediatamente. É um drama êste fresco. Vemos o marido desvairado de ira e a mulher implorando piedade, uma destas lindas louras de Tiziano, e ao fundo [illegible]se a mulher curada e o marido e [illegible]hos agradecendo ao Santo [illegible] e com a fisionomia contrita de quem errou.

O segundo é o «Milagre do pé cortado», um filho que deu um pontapé na mãe, sentiu um tal arrependimento que para seu castigo cortou o pé. O Santo, compadecido do seu arrependimento, faz-lhe o milagre de lhe colocar de novo o pé. A expressão da mãe é sublime. É a dor, a surpresa, a dúvida e a alegria. Parece impossível que uma cara num quadro exprima tudo isto, e no entanto, assim é. O terceiro é o prior da Scuola del Santo distribuindo pão. É verdadeiro, parece-me que o conheço. Muitos outros frescos da vida do Santo de Campagnola, Bartolomeo Montagna e Filippo da Verona tornam esta capela uma das maravilhas em pintura que possui a Itália. São também interessantíssi-



mos os frescos do Oratório di San Giorgio, quasi todos de Altichieri Zevio. São lin e muito bem conservados. As maravilhas rodeiam-nos nesta bela Padua, numa sucessão de enlouquecer quem, como eu, se apaixona por estas belezas de que a minha humilde pena não consegue dar uma pálida idéa.

Maria de Eça

A moda

VARIÁVEL e volúvel como a mulher a que nos impõe, e, que talvez por isso mesmo se submete à sua tirania, porque a sua variedade convém ao seu espírito sedento de novidades, a moda lança hoje o que ontem prescreveu e assim vemos usar de novo, o que o ano passado era decretado como deselegante. O «crêpe satin» depois de dois anos de destêrro, volta a aparecer com um verdadeiro triunfo e a ser considerado o mais distinto tecido para os vestidos de noite. Damos hoje dois modêlos em «crêpe satin», um em preto e o outro em branco. Duma grande simplicidade de corte e de guarnições, o seu «chic» está na beleza do tecido e no bem feito do vestido.

Na verdade, compreende-se a sua nova voga, porque nada há que se adapte ao corpo, desenhando a sua linha elegante e marcando os contôrnos, como o maleável «crêpe satin», dum brilho discreto mas que dá a um ves tido um aspecto de graça luxuosa.

Para a tarde para Casino, ou mesmo para casa, damos um lindo figurino de linha modernissima e de facílima execução. Em «crêpe de chine» vermelho, tem como guarnição a própria sêda no requintado corte que o guarnece, o corpo cortado ao lado forma uma espécie de folho, «a godets», que se prolonga formando a gola vindo acabar no outro ombro, num gracioso laço. A manga, dum feitio modernissimo, tem também que se lhe diga ao fazer, porque da tesoura depende tôda a sua elegância. Nesta época de vida ao ar livre, é tambem para atender os vestidos de «tennis» e de desporto em geral. Um dos modêlos que hoje damos é em «piqué» de sêda branco, e dá aos movimentos completa liberdade, sem em nada sacrificar a elegância da sua maneira de cair. O corpo guarnecido com uma graciosa capinha, que faz manga, é duma grande novidade. O outro vestido é em «toile de soie» branca lava admiravelmente e é todo cortado em enviezados o que o faz assentar como uma luva no corpo que modela, deixando-o à vontade. Êstes dois vestidos estão acompanhados do inimitável casaco que salva as jogadoras apaixonadas, das pneumonias. Em lã grossa, branca, tem um verdadeiro corte desportivo. As senhoras economicas, que não gostam de ter um casaco apenas para um determinado fim, podem fazê-lo em «beije», que serve depois para as saídas da manhã na cidade, durante o outono. A «organdi» está em moda para vestidos e para os acessorios dos vestidos de noite. Damos hoje uma linda capinha em «organdi», e luvas altas do mesmo tecido, guarnecidas na borda com flores feitas no mesmo tecido. Duas lindas flores para colocar ao peito, acompanham êstes Nadas graciosos, que formam o «chic» duma mulher. Uma linda malinha em contas brancas e um colar e pulseiras niqueladas, apresentam-nos o que há de mais elegante na fantasia moderna como acessorios dos vestidos de noite.

A criança

NADA há no mundo mais encantador do que as crianças, a sua beleza, a sua graça, a sua presença, são a maior alegria das famílias, que nelas revivem a vida. Damos hoje duas gravuras em que se vê a graça da sua expressão. Numa delas uma pequenina aprende com a maior atenção, com a sua governante, a traçar as primeiras letras. E da maior graciosidade a sua expressão, e, a boneca sentada ao lado, parece apreciar, com ternura, os esforços da sua «mãisinha». Na outra gravura uma linda garota está tratando carinhosamente dos seus periquitos, que parecem sentir-se imensamente felizes na sua gaiola doirada, e, com a sua graciosa dona. Estas duas pequenitas não têm, talvez, uma grande beleza, mas têm a frescura e a graça que tão encantadoras tornam as crianças na sua ingenuidade e na sua alegria. Nada há como estas fotografias inesperadas para nos fazerem vêr a verdadeira expressão infantil.

Receitas de cosinha

Costeletas de carneiro «bourgeoise». — Passar rapidamente em manteiga, costeletas de carneiro bem limpas e a que se tenha cortado o cabo. Durante êsse tempo descascar e cortar às rodas delgadas batatas da Holanda e cebolas novas, misturá-las com manteiga, sal, pimenta. Untar de manteiga um prato de ir ao forno. Pôr uma boa camada de batata e cebola depois colocar-lhe em cima as costeletas, cobrir com môlho de carne e depois tapar com um picado de «Champignons» depois miolo de pão, passado em manteiga. Coser num forno moderado. É um prato muito apreciado em França e que é explêndido para variar as nossas ementas, já um pouco fastidiosas pela continuidade. É uma das preocupações das donas de casa, o variar é nisso que nós procuramos sempre e com a melhor vontade ajudá-las para lhes suavizar a sua tarefa.

De mulher para mulher

Maria S.: O branco é bonito em todas as idades e para a praia e campo nada há mais prático e mais cómodo. Lava e engoma com a maior facilidade e está se sempre bem.

Encantada: Está na verdade a viver um periodo de sonho, mas não o entregue como tantas raparigas fazem, com cenas de ciumes e amuos ridiculos. Viva a sua felicidade, com simplicidade, natural, e proceda de maneira a tornar êste simpático periodo, agradavel ao seu noivo, de maneira a que na vida de ambos, seja sempre uma época de feliz recordação. Lembre-se que da mulher depende muito equilibrio desta época da vida

«Jeannette»: Não imagina o prazer que a sua carta me deu. É tão agradável ver uma estrangeira compreender tão bem o nosso carácter Vejo que tem uma tal intuição para viver que não precisa de conselhos, e, obrigada pelas suas gentis palavras.

Bébé: Fica-lhe bem o pseudónimo, mas não abuse dêle, porque nada há de mais maçador do que as crianças grandes. Não teime em ser assim, porque está preparando um tristíssimo futuro.

Vestidos de praia

EM vilegiatura, o linho branco usa-se imenso. Os mais bonitos vestidos neste género, são bordados com algodão de côr, cobrindo inteiramente, a parte de baixo do corpo e o «empiècement» da saia, e as pequenas mangas curtas, que dão um lindo aspecto à fresca «toilette» de linho. Os bordados pretos e amarelos misturados dão um efeito maravilhoso, sôbre a brancura do linho. Fazem-se em ponto de cruz no género dos bordados romenos. O amarelo usa-se muito como guarnição do branco. A côr tangerina é a que mais se usa depois do branco. Esta côr é muito alegre ao sol. Para êstes vestidos nenhuma guarnição de côr Sòmente cortes pespontados lhe fazem o efeito necessario.



A propósito de união de côres, notámos o grande sucesso do azul e do rosa o que dá um colorido pastel. Faz-se por exemplo, o vestido em linho azul com o cinto em linho pespontado e o corpo em linho côr de rosa com as mangas compridas e justas em azul. O chapéu a aba pespontada em azul e a capa côr de rosa.

Um museu de elegância

«SÔBRE o que se chama a mulher, dizia o bom Bon-



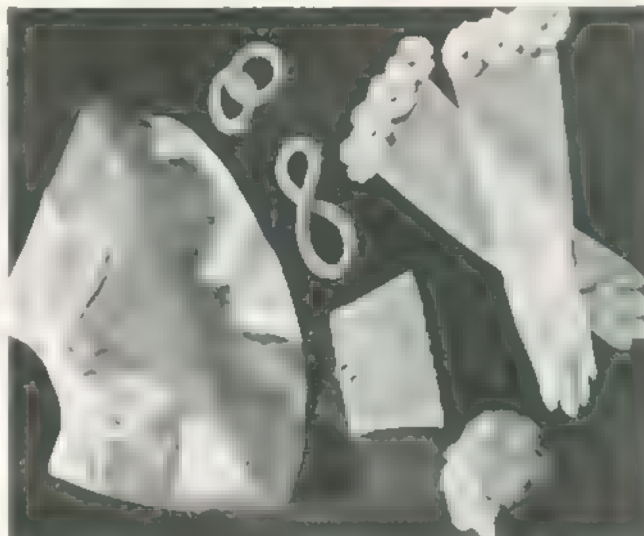
ville, é um artigo de Paris.» E Mme Emmeline Raymond acrescentou: «É difícil separar estas duas palavras, a moda e a parisiense». Parece que neste ponto as coisas não têm mudado muito desde o segundo Império. Apesar da concorrência internacional o centro da elegância não deixou de pertencer à parisiense. E é uma excelente embaixatriz a moda de Paris. Há anos houve um grande baile nas margens do Bosforo no extravagante «Vali» (palácio de verão) de Enver Pachá, baile oferecido pelo general Charpy, que comandava então o exército francês do Oriente. No decurso duma valsa (ainda se valsava em Constantinopla) fez-se um circulo em volta dum par: o alto comissário britanico Sir Horace Rumboldt, dansava com a princesa Lucien Murat. A princesa valsava maravilhosamente, mas o que chamava a atenção era o seu vestido, uma encantadora «toilette». Uma espécie de rosa em pétalas de sêda, tufada como um balão. Êste vestido das mil e uma noites ganhava todos os sufrágios. Britânicos, americanos, italianos, gregos, levantinos, otomanos e quando em seguida ela passou pelo braço do general Pellé, o alto comissario francês da Turquia, todos se inclinavam num comprimento não sòmente a uma princesa francesa conhecida pelo seu espírito, mas também: à moda de Paris, essa magestade sem rival.

Ela merecia o seu templo e trabalha-se nêle. A Câmara de Comércio de Paris reuniu os seus fundos para organizar um «museu de elegância» Instalar-se-á êste templo de gôsto, não no Marais no palácio de Sens, mas em pleno centro mundano, quási a igual distância da «rue de la Paix» e dos «Champs-Elysées». Num palácio da rue de Surêne. O director «parisiense» e amador requintado, está virtualmente designado Um contratempo momentâneo não impedirá êste belo projecto de se tornar em breve uma realidade. Graças à Câmara de Comércio, Paris poderá em breve oferecer aos curiosos e aos artistas da moda uma perfeita representação das suas elegâncias através dos tempos. Esta noticia interessa todas as mulheres e sobretudo as parisienses. Em Paris metade da população vive pela moda e a outra metade para a moda. O «Musée du Costume» que apesar de todos os cuidados de Maurice Lelair e de Jean Robiquet, se empoeira nas arrecadações do Museu Carnavalet encontrará na rue de Surêne o seu lugar lógico e junto dos trajos: as cabeleiras, as estampas, as estatuetas, as joias, os bordados, as rendas, os algodões, as «linons», as sêdas, os móveis, permitirão que sejam evocadas todas as elegâncias das parisienses. Esta palavra elegância não significa luxo. Com muito dinheiro pode ser-se extremamente deselegante. As parisienses mais modestas, dactilógrafas e costureiras sabem manter uma verdadeira linha de elegancia e não é como nos outros países, a elegância um apanágio duma classe é um «article de Paris» ao alcance de todas como o testemunham e Jean, Fonquet, Moreau le jeune, Gavami e Millete.

Elegâncias sim, mas elegâncias humildes como luxuosas. Junto do turbante emplumado da duquesa de Ganjeais não será esquecido o avental de Jenny, a operária, e a touca de Mimí Pinson A provincia não será esquecida e os admiráveis trajos bretãos bolonheses, arlesianos, lorenos, alsacianos, serão expostos. Não é nêsse trajo que reina a moda caprichosa e efémera, mas não há elemento mais durável e comovente do que a dos trajos regionais que personificam o gôsto e a elegância duma raça.

A Mulher e a Ciência

A fundação do Instituto electro-mecânico feminino, que se realizou em Paris sob a direcção da engenheira Maria Luísa Paris, faz lembrar a um



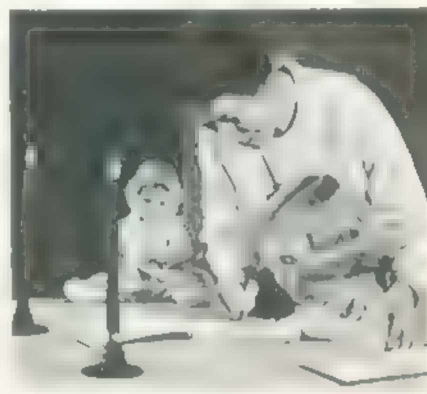
colaborador do «Fígaro», que não foi preciso esperar o século XX em França, para ver matemáticas e sábias. Em 1590 nasceu perto de Paris Martine de Berterene. Aos dezaseis anos casou com um fidalgo flamengo dedicado ao estudo das ciências, Beausoleil, era conselheiro e comissário geral das minas da Hungria e do Tirol. Martine falava correntemente cinco línguas, além do latim e sentia-se atraida pelos estudos de matemática. Acompanhava o marido nas suas viagens, participava dos seus estudos, ajudava o nas suas investigações Percorreram juntos quási tôda a Europa foram à América recolhendo um tesouro de conhecimentos e de observações cientificas no regresso destas viagens. Martine publicou um livro sôbre os conhecimentos indispensáveis a um perfeito engenheiro. Era o primeiro trabalho dêste género que se escrevia e saía da pena duma mulher. Foi a primeira que teve a ideia de explorar as minas de França e obteve o encargo de estudar o minério bretão e o do Sul da França, à frente de 60 operários. O marido foi nomeado inspector geral das minas de França A merecida fortuna dos dois cônjuges despertou a inveja e os dois sábios foram acusados de sortilégio O preboste de Morlaix, onde trabalhavam apoderou-se dos seus papeis, dos seus planos e dos instrumentos de trabalho deixando-os sem um escudo. Madame de Beausoleil escreveu uma carta ao cardeal de Richelieu que ficou sem resposta. A opinião pública estava muito excitada. Afirmava-se que os seus trabalhos tinham por fim acordar os demónios escondidos nas vísceras da terra e fazê-los sair. Madame de Beausoleil foi fechada na prisão de Vincennes e seu marido mandado para a Bastilha.

Um aproveitamento útil

As sociedades ràdiofónicas alemãs, organizam transmissões para as escolas, cujos programas se organizam de acôrdo com uma comissão criada pelo Ministério da Instrução. A estação central a «Für Schul Funk», começou a sua actividade em Julho de 1930 A actividade dêste organismo consiste em recolher, selecionar e utilizar, tôdas as experiências das Comissões instituidas nos vários distritos, para os programas de rádio-difusão escolástica O resultado desta actividade é metodicamente estudado na «Schul Funk», que desenvolve tôdas as questões, que dizem respeito à actividade rádio-escolástica. Desta, fazem parte as conferências, os diálogos, as cenas dramáticas, os rádio-espectaculos instrutivos e as rádio crónicas industriais. As primeiras experiencias de rádio-difusão escolastica efectuaram-se na Alemanha em 1924, mas somente em 1930 esta actividade foi desenvolvida com caráter metódico. O número de programas destinados às escolas é diverso, segundo os vários transmissores e oscila entre duas a nove transmissões semanais, que são em geral de 25 minutos e sòmente em casos excepcionais de 45 minutos. O número de ouvintes, que participam da rádio difusão escolástica atingia em Setembro de 1932, cêrca de 2.565.000 dos quais 65.000 professores e 2.500.000 escolares. A maior parte das escolas é o govêrno que fornece os aparelhos, outros são os directores e professores, que os oferecem. Estas transmissões variam segundo a idade dos alunos que vai dos 7 aos 19 anos Mas nas classes superiores nota-se uma progressiva diminuição de rádio-audições.

Pensamento

A nossa condição nunca nos agrada a pior é sempre a presente.



QUEBRA-CABEÇAS



Da precedente linha quebrada, utilizar só os pontos por onde ela se quebra e não aqueles por onde se cruza, para que, com linhas que toquem naqueles pontos, se possam traçar as letras do nome de um dos principais rios da Europa, traduzindo êsse nome em português.

N. B. — Desta linha não se aproveita a nenhum traço para as letras, pois como dissemos só servem os pontos por onde ela se quebra.

BRIDGE

Espadas. — 6, 4
Copas. — Valete, 9, 4
Ouros. — — — — — —.
Paus. Az, Dama, Valete, 5, 3

Espadas. — 3. Copas. — 10, 7. Ouros. — Valete, 9, 7. Paus. — Rei, 9, 6, 4.	A C D B	Espadas — Valete, 7 Copas. — Dama, 8, 6 Ouros — 8 Paus — 10, 8, 7, 2

Espadas. — Dama, 8, 5
Copas. — Rei, 2
Ouros. — Dama, 10, 6, 5, 3
Paus. — — —

Espadas é trunfo. A é mão. A-B fazem ainda 9 vasas.

(Solução do número anterior)

O que mais convém a A é jogar copas ... a vasa e joga trunfo. C tem então de deitar espadas. A desfaz-se da carta de paus, e D é forçado a baldar-se. B faz ainda outra vasa em copas e A o Rei de espadas.

PENSAMENTOS

As mulheres manejam os homens como bons jogadores de xadrez manejam os seus peões, não tocam num, sem terem os olhos fixos noutro, que possa dar melhor resultado.

...

* * *

A mulher é um manjar digno dos deuses, quando o não cosinha o diabo.

Shakespeare

* * *

O jesuita mais jesuita de todos os jesuitas é mil vezes menos jesuita que a mulher menos jesuita de todas as mulheres.

La Bruyère.

* * *

Todos os raciocínios do homem não valem um único sentimento da mulher.

Voltaire.



PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I	N	E	G	O	C	I	A	N	T	E
II	E		G	R	A	N	D	E		S
III	S	S		A	N	T	A		A	T
IV	P	A	Z		D	E		E	N	U
V	E	T		V	I	R	A		I	D
VI	R	I		T	E	M	E		M	A
VII	E	R	A		I	E		T	O	N
VIII	I	A		A	R	D	E		S	T
IX	R		A	Ç	O	I	T	E		E
X	A	I	D	A		O	C	R	A	S

XADREZ

(Solução)

Brancas ... *Pretas*

1 B 1 T D ... S 1 ... B
2 D - T
... S 1 T 8 R, 8 D, 8 B D ou 8 C D
2 D 8 T D
... S 1 ... F joga para outra casa
... 1 C R

PASSATEMPO



Embora a ... terra pareça deserta, está muita gente a ver passar o aeroplano. Oito pessoas pelo menos já nós contámos. Onde estão elas?

ANEDOTAS

— Tenho de lhe pedir dois favores.
— Quais são êles?
— Um, é emprestar-me 50$00; o outro é não dizer nada a ninguém.
— Dois favores, ao mesmo tempo, é muito, meu caro amigo; mas faço-lhe um; — não digo nada a ninguém!

* * *

Um dia certo professor, cansou-se a ensinar a um discípulo pouco atilado uma cousa das mais simples, e quando afinal conseguiu que êle a soubésse, disse-lhe fatigadíssimo:

Apre! que se eu não tivesse vindo para esta terra você era o maior burro que cá havia!

* * *

No camarim de uma cantora desafinada

Ela. — Muito gosto eu de ouvir cantar os ...

Um admirador: — Também eu, e tanto mais que êles não cantam nada que esteja acima dos seus recursos!

* * *

Entre caçadores

— Ouça o meu amigo, o que me aconteceu no outro dia, quando fui caçar para as bandas de Setubal. Estava numa espera, quando de repente me saltou um lobo...
— Bem sei, já hontem me contou isso.
— Impossível! Pois se a mim m'o contaram esta manhã!

* * *

Um tenente manda o impedido saber que espectáculo dá o teatro essa noite.

O cartaz anuncia o drama — *Morre e verás*.

O impedido volta para o quartel e perfilando-se deante do patrão, diz:

— Meu tenente... *Morra vossa senhoria e verá vossa senhoria!*

* * *

Em família.

O tio: — Eu bem queria pagar as tuas dívidas; mas quem ha-de pagar as minhas?

* * *

— Não sei afinal qual o motivo porque o senhor não quiz aceitar o Teles para seu socio?...

— Eu lhe digo: o Teles esteve para casar com minha mulher, e não casou. Ora o senhor pode bem imaginar que eu não ia procurar para meu socio um homem mais esperto do que eu!

* * *

1.º amigo. — Estou convencido de que a D. Julia toca piano melhor do que canta.

2.º amigo: — Também eu o estou.

1.º — Porquê? Já a ouviste tocar?

2.º — Não; mas já a ouvi cantar.

* * *

Marido: — Aquele patife teve o atrevimento de me chamar um asno colossal!...

Mulher. — Efectivamente, tu és muito alto, e estás muito gordo... Pareces um colosso!...

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu valor incontestavel está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO *Dr. A. LORAND*

Médico em Carlsbad – Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilha

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoeslovaquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suecia, França

INDICE:

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

1 volume de 244 páginas . . . **Esc. 10$00**

Pelo correio á cobrança . . . . **Esc. 11$00**

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 3.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol de 308 págs., brochado . . **12$00**
Encadernado . . . . **16$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

N.º 1 — **Português** — 860 págs.
N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português** e **Português-francês.**
N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português** e **Português-inglês.**
N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15$00**
Os dois dicionários juntos, enc..... **28$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO
DE
TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado
30$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

A' VENDA A 3.ª EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se lê de-pressa e se relê de-vagar.»
AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10$00
encadernado 14$00



Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Sciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.

2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.

3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.

AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:

4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gêlo.* 1 vol.

6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.

7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.

8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.

OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:

9—1.ª parte—*América do Sul.* 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional.* 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico.* 1 vol.

VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS:

12—1.ª parte—*O homem das águas.* 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar.* 1 vol.

A ILHA MISTERIOSA:

14—1.ª parte—*Os náufragos do ar.* 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado.* 1 vol.
16—3.ª parte—*O segrêdo da ilha.* 1 vol.

MIGUEL STROGOFF:

17—1.ª parte—*O correio do Czar.* 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão.* 1 vol.

O PAÍS DAS PELES:

19—1.ª parte—*O eclipse de 1860.* 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante.* 1 vol.

21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.

22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.

HEITOR SERVADAC:

23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.

UM HERÓI DE QUINZE ANOS:

26—1.ª parte—*A viagem fatal.* 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África.* 1 vol.

28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.

29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.

30—**ATRIBULAÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.

A CASA A VAPOR:

31—1.ª parte—*A chama errante.* 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada.* 1 vol.

A JANGADA:

33—1.ª parte—*O segrêdo terrível.* 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação.* 1 vol.

AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:

35—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.

42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.

KERABAN, O CABEÇUDO:

43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari.*
44—2.ª parte—*O regresso.* 1 vol.

45—**A ESTRÊLA DO SUL**, 1 vol.

46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.

MATIAS SANDORFF:

47—1.ª parte—*O pombo correio.* 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux.* 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente.* 1 vol.

50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.

51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.

52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.

NORTE CONTRA SUL:

53—1.ª parte—*O ódio de Texar.* 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.

55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.

DOIS ANOS DE FÉRIAS:

56—1.ª parte—*A escuna perdida.* 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil.* 1 vol.

FAMÍLIA SEM NOME:

58—1.ª parte—*Os filhos do traidor.* 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan.* 1 vol.

60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.

CÉSAR CASCABEL:

61—1.ª parte—*A despedida do novo continente.* 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo.* 1 vol.

A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:

63—1.ª parte—*À procura dos náufragos.* 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe.* 1 vol.

65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.

66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**

A ILHA DE HÉLICE:

67—1.ª parte—*A cidade dos biliões.* 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.

A ESFINGE DOS GÊLOS:

70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.

O SOBERBO ORENOCO:

73—1.ª parte—*O filho do coronel.* 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor.* 1 vol.

75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.

76—**OS NÁUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.

77—**OS NÁUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.

78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.

79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA


OVOMALTINE